



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO

INGRID ALVES MACHADO

**TURISMO E LITERATURA: A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS NA
ESCÓCIA.**

BRASÍLIA

2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INGRID ALVES MACHADO

**TURISMO E LITERATURA: A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS NA
ESCÓCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Turismo no Centro de Excelência em Turismo na Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do Prof. Vitor João Ramos Alves.

BRASÍLIA

2020

AM149t Alves Machado, Ingrid
Turismo e Literatura: A Ressignificação dos Espaços Urbanos na Escócia / Ingrid Alves Machado; orientador Vitor João Ramos Alves. -- Brasília, 2020.
75 p.

Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. O Fenômeno Turismo e suas Definições Epistemológicas.
2. A Ressignificação dos Espaços pelo Turismo e a Literatura. 3.A Ressignificação do Espaço na Escócia a partir da Literatura de J. K. Rowling e Diana Gabaldon. I. Ramos Alves, Vitor João, orient. II. Título.

INGRID ALVES MACHADO

**TURISMO E LITERATURA: A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS NA
ESCÓCIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Turismo no Centro de Excelência em Turismo na Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel, sob a orientação do Prof. Vitor João Ramos Alves.

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador: Dr. Vitor João Ramos Alves

Professora Avaliadora: Ms. Larissa Alves de Souza

Professora Avaliadora: Dr.^a Lana Magaly Pires

Professora Avaliadora Suplente: Dr.^a Neuza de Farias Araújo

Brasília, dezembro de 2020

Dedico ao meu namorado, minhas amigas e minha família que sempre me apoiaram em tudo.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, por me guiar através desta jornada e por me agraciar com as habilidades necessárias para concluir e alcançar mais esta conquista.

Agradeço a minha família por sempre acreditar em mim, especialmente quando eu mesma não acredito, me apoiando e me dando forças para realizar sonhos e objetivos. Agradeço especialmente ao meu pai por ser um homem batalhador, um exemplo, e me incentivar de todas as formas possíveis a ir atrás dos meus sonhos; a minha mãe por ser sempre afetuosa e me ensinar a ser gentil, esforçada e dedicada; ao meu irmão por dividir comigo tudo e me permitir dividir tudo com ele também; e a minha madrinha e ao meu padrinho por me apoiarem e me mostrarem caminhos para alcançar meus objetivos. Amo muito cada um de vocês.

Agradeço ao meu namorado Felipe por ser meu porto seguro, por sempre me apoiar e me incentivar a ser a melhor versão de mim mesma. Sou muito grata por todo seu cuidado, carinho e apoio. Você foi um alívio no meio de todo o caos que foi construir este trabalho durante os últimos acontecimentos no país e no mundo, deste ano. Te amo infinito.

Agradeço as minhas amigas Aghata, Ana Maria, Giselle, Rômany e Samara que fazem parte da minha vida desde o Ensino Médio/ Ensino Fundamental e espero que assim continue. Obrigada por serem parte de mais uma das minhas jornadas, trazendo, acima de tudo, bom humor para ela. Obrigada Aghata, Ana e Samara por ouvirem pacientemente minhas frustrações e me ajudarem a lidar com minhas crises durante este período. Obrigada Rômany e Giselle por me ajudarem com questões mais técnicas que envolveram este projeto, em especial a Giselle que me ajudou na pesquisa de uma das obras. Perfeitas todas vocês, nunca erram.

Agradeço ao meu ex-orientador, Prof. Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa que acreditou no meu projeto antes mesmo de eu acreditar nele, que me ajudou a lapida-lo e elabora-lo. Muito obrigada pela paciência e incentivo durante o processo.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Vitor João Ramos Alves que aceitou o desafio de me ajudar a desenvolver este projeto e a concluir mais esta etapa da minha vida. Muito obrigada por me ajudar, por toda a dedicação, e pelas palavras de incentivo. Obrigada por acreditar neste projeto e em mim.

Agradeço a Universidade de Brasília e a todos os professores que fizeram parte da minha jornada nela.

Muito obrigada a todos por tudo!

RESUMO

Cada vez mais o turismo cultural se desenvolve e cresce, resultando em ramificações como o turismo literário que cresce igualmente. Aos poucos o turismo literário começa a ganhar espaço e se destaca como uma opção de turismo para aqueles que já “viajavam” antes através das obras literárias, assim, esta modalidade se torna um meio de conhecer diferentes espaços nos quais a narrativa foi inspirada ou acontece, e até mesmo espaços atribuídos ao autor destas narrativas. Este estudo tem por objetivo geral verificar as influências do turismo, associado à literatura (e tudo que a envolve), na ressignificação dos espaços urbanos da Escócia. Para tal tem-se como objeto de análise as obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Outlander: A Viajante no Tempo*, além de diversos espaços relacionados a elas na Escócia, país o qual sua capital foi nomeada como “Cidade Literária” pela UNESCO. Tendo isso em vista, utilizou-se de uma pesquisa eminentemente qualitativa, de cunho exploratório e bibliográfico, a fim de debater e conectar os conceitos de turismo, turismo cultural, turismo literário, imaginário e ressignificação dos espaços urbanos. Nos capítulos 1 e 2 são debatidas as principais definições relacionadas ao tema da pesquisa (que foram citados anteriormente) e no capítulo 3 é realizada a caracterização da Escócia, enquanto recorte espacial da pesquisa, e de sua relação com a literatura, além de analisar os lugares literários relacionados às autoras J. K Rowling e Diana Gabaldon, a partir de suas obras. Assim, ao final da pesquisa, pôde-se concluir que a literatura pode ser um motivador para a ressignificação dos espaços pelo turismo. Ela influencia e transforma os significados dos lugares e, a partir disto, contribui para que o turismo da região (de onde estes espaços estão) se transforme.

Palavras-chave: Imaginário; Literatura; Ressignificação; Turismo Cultural; Turismo Literário.

ABSTRACT

Cultural tourism increasingly develops and grows, resulting in ramifications such as literary tourism that grows equally. Gradually, literary tourism begins to gain space and stands out as a tourism option for those who have already “traveled” before through the books, thusly, this modality becomes a means of discovering different spaces in which the narrative of the books was inspired or happens, and even spaces attributed to the author of these narratives. The general objective of this study is to verify the influences of tourism, associated with literature (and everything that involves it), in the redefinition of Scotland's urban spaces. For this purpose, we have as objects of analysis the books of *Harry Potter and the Philosopher's Stone* and *Outlander*, as well as several spaces related to them in Scotland, the country whose capital was named “Literary City” by UNESCO. With this in mind, an eminently qualitative research was used, of an exploratory and bibliographic nature, in order to debate and connect the concepts of tourism, cultural tourism, literary tourism, imaginary and redefinition of urban spaces. In chapters 1 and 2 is discussed the main definitions related to the research topic (which were previously mentioned) and in chapter 3 the characterization of Scotland is carried out, as a spatial part of the research, and its relationship with the literature, in addition to analyzing the literary places related to the authors J. K Rowling and Diana Gabaldon, from their works. Thusly, at the end of the research, it was concluded that literature can be a motivator for the redefinition of spaces by tourism. It influences and transforms the meanings of places and, from this, contributes to the transformation of the region's tourism (where these spaces are located).

Key-words: Cultural Tourism; Imaginary; Literary Tourism; Literature; Redefinition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Hobbiton Movie Set</i> – Toca de um Hobbit.....	33
Figura 2 - Estação King’s Cross – Plataforma 9 ^¾	33
Figura 3 - Mapa do Reino Unido	37
Figura 4 - <i>Writers Museum</i> – Exterior	40
Figura 5 - <i>Writers Museum</i> – Boneco de Cera	40
Figura 6 - <i>Writers Museum</i> – Citações	40
Figura 7 - Harry Potter e a Pedra Filosofal.....	43
Figura 8 - Harry Potter e as Relíquias da Morte	43
Figura 9 - Greyfriars Kirkyard – Lápide Tom Riddle	45
Figura 10 - George Hariot’s School	45
Figura 11 - <i>The Elephant House</i> - Exterior	48
Figura 12 - <i>The Elephant House</i> - Banheiro.....	48
Figura 13 - Balmoral Hotel – Porta da Suíte	49
Figura 14 - Balmoral Hotel - Escrivadinha	49
Figura 15 - <i>Victoria Street</i>	51
Figura 16 - Trem a Vapor – <i>The Jacobite</i>	51
Figura 17 - Capas da Série Literária <i>Outlander</i> – Volumes 1 ao 8.....	54
Figura 18 - Campo de Batalha de Culloden	57
Figura 19 - Campo de Batalha de Culloden – Memorial Clã Fraser	57
Figura 20 - <i>Blackness Castle</i> – O Fort William	59
Figura 21 - Clava Cairns – O Craigh na Dun	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O FENÔMENO TURISMO E SUAS DEFINIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS	14
1.1 Considerações originadas no decorrer histórico do turismo.....	14
1.2 O turismo cultural e sua derivação com o turismo e a cultura.....	17
1.3 O turismo literário e sua derivação com o turismo e a literatura	19
1.3.1 A imagem e imaginário como pontos de partida para o turismo literário	20
2. A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PELO TURISMO E A LITERATURA.....	24
2.1 O desdobramento da ressignificação dos espaços enquanto conceito	24
2.2 O desdobramento da ressignificação dos espaços enquanto prática.....	28
3. A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO NA ESCÓCIA A PARTIR DA LITERATURA DE J. K. ROWLING E DIANA GABALDON.....	36
3.1 A Escócia, suas particularidades urbanas e sua relação com a literatura	36
3.2 A obra “Harry Potter e a Pedra Filosofal” e sua influência na ressignificação dos lugares na Escócia.....	42
3.3 A magia de “Outlander” e suas influências na ressignificação de espaços na Escócia	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A: Quadro Síntese da Pesquisa	70
APÊNDICE B: Mapa Literário da Obra “Outlander: A Viajante do Tempo”	73
APÊNDICE C: Mapa Literário da Obra “Harry Potter e a Pedra Filosofal”	74

INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi uma vertente relevante, do ponto de vista cultural, trazendo consigo desde escritos históricos, representações de movimentos artísticos - que marcaram determinadas épocas -, vindo a ser, na contemporaneidade, um meio de (também) se viajar sem de fato ter de sair de casa e, muitas vezes, sem precisar gastar quantias significativas para isso. É claro que ao falar deste tipo específico de viagens, não nos referimos ao deslocamento físico de fato, trata-se da formação do imaginário do leitor, que pode vir a se tornar um turista, devido a essa imagem criada a partir da literatura.

Seja de cunho histórico, ficção, romance ou qualquer outro gênero literário, percebe-se uma grande influência desta, caso o leitor se permita construir um alto nível de identificação e vinculação com o texto lido. O “turista-literário”, portanto, busca sua inspiração de viagens em livros, os quais indicam e caracterizam cenários, lugares, países, que os motivam a viajar; a fim de conhecerem o que está descrito nos textos apreciados. Além das narrativas, é possível também ter como motivação o contexto além da história, ou seja, os locais que inspiraram os autores ou até mesmo os locais mais pessoais relacionados à vida particular dos escritores.

Segundo Coutinho, Faria e Faria (2016) o leitor, na procura de ir além do mundo imaginado, busca pelo encontro que o turismo literário proporciona. O encontro do leitor com o texto ficcional, contribui para que o leitor busque (por si mesmo) através da vivência, da paisagem ou qualquer outra característica do destino em questão, o que seja capaz de conectá-lo aos sentimentos provenientes da leitura. Sendo assim, na atualidade, tem-se percebido um grande potencial nesta modalidade de turismo cultural, denominada de turismo literário, destacando-se (em partes) por se mostrar como uma alternativa ao turismo promovido de forma massificada pelo mercado capitalista.

Um relevante aspecto do Turismo Literário é abordado por Quinteiro (2019) que trás o conceito de “Mapas Literários” como sendo um aspecto fundamental para o desenvolvimento da prática do mesmo, pois é a partir dele que surge a cartografia literária, onde confluem a geografia e a literatura - resultando em um enorme potencial enquanto recurso para o fazer turismo. Essa relação entre o turismo e a literatura, não é compreendida por Coutinho, Faria e Faria (2016) apenas pela capacidade do texto literário fixar memórias e experiências de viagens, mas, também, por sua potencialidade de recuperar e reconstruir memórias de espaços e de transformar, por essa via, o espaço em “espaço turístico”, tal como a linha de análise que será abordada na discussão deste trabalho.

A **justificativa** de se pesquisar sobre a ressignificação dos espaços é porque, ao longo dos anos, cada vez mais, a influência da literatura, do cinema e da televisão tem-se destacado como um novo e marcante fator no desejo de visitação do turista, tendo em vista que se tornaram fortes influenciadores do imaginário dos indivíduos. Esses fatores levam, portanto, à ressignificação de espaços cotidianos que passam a ter um potencial para a atividade turística, assim, tornando-se mais um atrativo que incentiva o turismo local. Nesse aspeto, toma-se como **problema de pesquisa** verificar quais influências da literatura (e tudo aquilo relacionado a ela, tais como lugares de inspiração ou de associação à imagem do autor) contribuem para a ressignificação dos espaços urbanos, por meio do turismo.

Para a ambientação desta discussão foi considerado e escolhido o caso de turismo literário desenvolvido na Escócia, por apresentar exemplos de ressignificação espacial do turismo relacionados às obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da autora britânica J. K. Rowling, e *Outlander: A Viajante do Tempo*, da autora estadunidense Diana Gabaldon. Outros dois fatores, que justificam a escolha deste recorte espacial, foi o fato da capital, Edimburgo, ter sido a primeira cidade a ser reconhecida e a ganhar o título de “Cidade Literária”, concedido em 2004 pela UNESCO. A capital ainda é famosa por ser sede do “Festival Internacional do Livro de Edimburgo”, considerado o maior e mais significativo evento do gênero.

A partir destas características, busca-se (com o objetivo de compreender o processo de ressignificação dos espaços urbanos através do turismo e a literatura) analisar alguns exemplos escoceses destas ressignificações, tais como: o café “The Elephant House”, local onde nasceu o primeiro livro da saga de *Harry Potter* e “Clava Crains”, local de inspiração para a criação do famoso círculo de pedras (fictício) “Craigh na Dun”, presente na obra de *Outlander*.

Pesquisar a ressignificação dos espaços urbanos a partir do turismo é uma proposta ainda incipiente na área do turismo, porém faz-se necessário citar os autores essenciais para o desenvolvimento teórico deste trabalho, tais como Coutinho, Faria e Faria (2016), que tratam em seu trabalho *Turismo Literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário* a respeito do Turismo Literário e sua associação à criação de imagens e imaginários que despertam motivação nos leitores para que se tornem turistas. A pesquisadora Sílvia Quinteiro (2019) que aborda em seu trabalho *Os Lugares da Literatura: mapas e rotas literárias* sobre a relação da literatura e do turismo, em relação ao espaço geográfico, utilizando os mapas literários (produzidos a partir da passagem de um personagem ou narrador por determinados espaços). Ainda é importante também mencionar as contribuições de Maria de Lourdes Netto Simões (2002) que aborda em seu trabalho *De Leitor à Turista na Ilhéus de Jorge Amado* a

respeito da relação leitor, turismo, literatura e espaços, a partir de uma análise feita com foco no leitor, que passa a ser um turista, dando origem ao chamado “turista-leitor”.

A partir da base documental citada, a pesquisa também é composta pela revisão de artigos científicos e dissertações coletados em acervos pessoais e canais da *web* como o Google Acadêmico e SciELO; além de informações coletadas em *sites* da internet como blogs, jornais e revistas *onl-line*.

Os autores trabalhados, considerados como referência principal neste trabalho de conclusão de curso, contribuem para uma análise da região de Edimburgo (Escócia), tal como uma localidade com bastante influência da literatura, pontuando os espaços que foram ressignificados, a partir da literatura, pelo turismo.

Ao se ter como **tema** o turismo e a literatura e sua relação com a ressignificação dos espaços urbanos na Escócia, adota-se como **objetivo geral** da pesquisa verificar as influências do turismo, associado à literatura (e tudo que a envolve), na ressignificação dos espaços urbanos da Escócia. Para tal, têm-se como **objetivos específicos** (i) revisar as conceituações de turismo (e suas definições derivadas a partir da cultura e da literatura), (ii) identificar as definições de ressignificação e sua relação com o turismo e a literatura, e, também, (iii) analisar as obras literárias *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Outlander: A Viajante do Tempo*, do ponto de vista da ressignificação dos espaços urbanos. A pesquisa propõe, portanto, compreender como se efetiva este fenômeno de ressignificação (no âmbito geral e específico) dos espaços urbanos, tornando-os espaços turísticos, partindo de uma análise das obras literárias citadas.

Para tal, este trabalho foi estruturado em três capítulos. No capítulo 1, intitulado “O Fenômeno Turismo e suas Definições Epistemológicas”, são abordadas as definições atribuídas ao turismo como fenômeno social, além de contextualizar historicamente suas derivações: turismo cultural e sua relação com a cultura e o turismo. Neste capítulo ainda é abordado o conceito de turismo literário, e dentro deste, uma análise da relação entre turismo literário, imagem e o imaginário.

O capítulo 2, intitulado “A Ressignificação dos Espaços pelo Turismo e a Literatura”, trata a respeito do conceito de ressignificação e sua relação com os espaços urbanos, com isso aborda-se também sua relação com a cultura. Neste capítulo também aborda como se efetiva esta ressignificação na prática, a partir da sua relação com a literatura, resultando nos lugares literários e nos mapas literários.

E, por fim, o capítulo 3, intitulado “A Ressignificação dos Espaços na Escócia a partir da Literatura de J. K. Rowling e Diana Gabaldon”, tem-se a caracterização da Escócia, enquanto recorte espacial da pesquisa, e de sua relação com a literatura, além de analisar os lugares literários relacionados às autoras J. K. Rowling e Diana Gabaldon, a partir de suas obras. Assim, é neste capítulo que se encontra a junção do material teórico (presente nos capítulos anteriores) com as obras literárias escolhidas, tendo como foco os espaços ressignificados.

Ao adotar como **delineamento metodológico** a pesquisa eminentemente qualitativa, de cunho exploratório e bibliográfico, a fim de debater e conectar os conceitos de turismo, turismo cultural, turismo literário, imaginário e ressignificação dos espaços urbanos, foi possível concluir que a literatura pode ser um motivador para a ressignificação dos espaços pelo turismo. Ela influencia e transforma os significados dos lugares e, a partir disto, contribui para que o turismo da região (de onde estes espaços estão) se transforme. Como síntese da pesquisa, a análise proporcionou a construção de um quadro síntese que aponta justamente os novos significados constituídos aos lugares analisados, a partir da literatura, e, junto a ele, “mapas literários” correspondentes às obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Outlander: A Viajante do Tempo*.

1. O FENÔMENO TURISMO E SUAS DEFINIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

Para iniciar a discussão proposta neste trabalho é necessário falar a respeito do fenômeno do turismo, pois ele é a categoria base de análise de toda a pesquisa. Será a partir do turismo que analisaremos como ocorre a resignificação dos espaços, mesmo que, dentro da imensa abrangência de áreas que o engloba, tenhamos escolhido o recorte da literatura para realizar a reflexão principal. Para isso, com o intuito de embasar a discussão sobre o turismo, serão revistos alguns conceitos ao longo deste capítulo.

1.1 Conceituações Originadas no Decorrer Histórico do Turismo

As viagens se constituem como práticas intrínsecas ao ser humano, percorrendo toda a sua história durante muitos séculos. Contudo, a origem histórica contemporânea das viagens com fins turísticos é registrada pelo fenômeno do Grand Tour, por volta do século XVIII, na Inglaterra. Motivados pelo prazer de viajar e pela cultura, homens jovens intelectuais realizavam viagens, que duravam um período de dois a três anos, percorrendo diversos países da Europa, com intuito de conhecerem as tradições, gastronomia, produções artísticas, dentre outros aspectos culturais destes lugares. Por serem viagens realizadas por uma classe social definida, os filhos de industriais e aristocratas, os conceitos de turismo e viagem foram construídos a partir de um olhar extremamente elitizado, economicista e nada inclusivo (SALGUEIRO, 2002).

Como área de estudo, o turismo é considerado um fenômeno complexo e multidisciplinar, com ampla diversidade de conceituações, da qual seu o ponto de vista e embasamento depende muito do agente que a trata e suas singulares intenções (OLIVEIRA, 2017). Antes de abordarmos o conceito “oficial” do turismo, delimitado pela Organização Mundial de Turismo (OMT), é importante analisar algumas conceituações originadas no decorrer histórico da epistemologia do fenômeno aqui analisado. Como por exemplo, a definição de Schattenhofen, no ano de 1911, que é tida como uma das primeiras definições a respeito do turismo, onde o autor acredita que “o conceito compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, permanência e saída do turista de um determinado município, país ou região” (BARRETTO, 1997 apud SANTOS & CUNHA, 2011 apud OLIVEIRA, 2017, p. 25). O conceito, então, apresenta-se de forma rasa, generalizando os “processos” e com foco no aspecto econômico, pela movimentação financeira

e o deslocamento do indivíduo de um local para o outro. Basicamente, preocupa-se com a movimentação econômica do turista em uma localidade, a partir de sua chegada até sua saída.

Com o passar do tempo, essa conceituação foi evoluindo na tentativa de deixar menos generalizado o que caracterizava o turismo na época. Devido a isso, chegou-se no conceito de que o turismo seria “o movimento provisório das pessoas, por períodos inferiores a um ano, para destinos fora do lugar de residência e de trabalho, as atividades empreendidas durante a estada e as facilidades que são criadas para satisfazer as necessidades dos turistas” (MATHINSON & WALL, 1982 *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 25). Assim, foi-se delimitado um período temporal para se caracterizar uma prática turística, no caso o “período inferior a um ano”. Da mesma forma, foi estabelecido que o viajante deveria sair de seu local de residência, subentendendo-se que deveria ser um lugar fora do ambiente de seu cotidiano, e que todas as atividades realizadas, durante a sua estadia, os instrumentos de suporte ao turista e suas necessidades seriam classificadas como “atividade turística”.

Este parece ser um conceito mais completo e próximo do que o estabelecido pela Organização Mundial de Turismo (OMT), que define o turismo como sendo “um fenômeno social, cultural e econômico que implica na movimentação das pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente usual com propósitos pessoais ou de trabalho/profissionais” (OMT *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 26, *tradução nossa*). A OMT ainda define que o período deste deslocamento deve ser inferior a um ano e que o propósito da viagem deve ser, principalmente, diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado.

Observa-se então que o turismo vai muito além do aspecto de “indústria”, o qual muitos estudiosos e pensadores da área ainda consideram, pois além dos aspectos econômicos envolvidos, e que se constituem como grande relevância para a atividade, há outras questões como as sociais e as culturais que também são extremamente importantes para a atividade. Pode-se observar, da mesma forma, que perpetuam os aspectos da temporalidade, sendo inferior a um ano, e o deslocamento para além do local de residência do seu cotidiano, que Mathinson e Wall (1982 *apud* SILVA, 2017, p. 25) trouxeram anteriormente. Vale observar também, algo que pode parecer um pouco contraditório à definição da OMT, é que a motivação pode ser por motivos de “trabalho/profissional”, mas que, ao mesmo tempo, não se pode ter como objetivo “o exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado”. Com isto, a motivação pode ter um propósito de trabalho ou profissional, desde que não haja lucro advindo das entidades, da região visitada, este lucro deve vir do seu local de residência/trabalho cotidiano.

Com o passar dos anos, o número de viagens aumentou graças à sociedade capitalista, que foi se consolidando e consumindo cada vez mais o turismo como “produto”, conforme apresenta Castro (2020). Seja por *status* ou apenas pelo desejo de consumi-lo, o turismo passou a ser atrelado ao conceito de “indústria”, por muitas vezes deixando de lado os conceitos sociais, ambientais e culturais, que a própria OMT estabeleceu na definição da atividade turística.

Castro (2020) ainda apresenta que quando há o exercício da movimentação espacial, a movimentação física, com finalidades de lazer e turismo, sem responsabilidade social e ambiental, a prática do fenômeno do turismo se torna um processo de exploração, uma prática predadora igual a qualquer outra indústria pautada apenas no lucro. Assim, faz-se necessário que, ao ato de viajar, não seja apenas agregado valores como consumo, *status* e prazer, mas também valores como o do autoconhecimento, o do conhecimento em si, o da preservação, o do respeito e o da vivência. O mais essencial ao ato de viajar é o olhar para o mundo ao redor, com olhos diferentes, e para si mesmo sob uma nova perspectiva.

Tendo em vista tais conceituações e também as reflexões que Castro (2020) levanta, é essencial entender que o turismo não se limita à definição da OMT, já que essa definição se dá mais em termos técnicos do que em algo conceitual e teórico no que diz respeito ao turismo. A prática turística vai muito além da mera locomoção para um lugar distinto; ela envolve muito mais do que apenas o lucro; ela também está relacionada à sustentabilidade, cultura e sociedade. Uma prática turística, quando preocupada com suas abordagens totalizantes, tem sempre em vista suas relações com o sujeito. Tudo o que é produzido por ela e tudo o que ela abrange está relacionado com pessoas, tanto os visitantes como os visitados. Faz-se, então, necessário colocar o bem estar de ambos, principalmente o da comunidade local, antes de qualquer lucro que possa ser gerado.

O turismo tem como característica a possibilidade de promover práticas com responsabilidade ambiental, social e econômica; gerar empregos; trazer visibilidade para comunidades locais e povos originários; promover políticas públicas, a serem tratadas pelo governo local e nacional; inclusive, ser um vetor de preservação e valorização de patrimônios e culturas no geral. Porém, da mesma forma que pode trazer coisas positivas, também pode ser bem prejudicial se não for gerido com responsabilidade, destruindo ambientes naturais, depredando patrimônios e extinguindo culturas pela reprodução de simulacros.

É importante destacar essas consequências provocadas pelo turismo, pois o mesmo é um fenômeno que não é tão simples, tal como a OMT faz parecer em sua definição. O turismo vai muito além do que uma simples prática econômica e envolve muitas outras questões, além

do mero deslocamento. Seus resultados, tanto para os sujeitos quanto para o próprio território, dependerão da competência das autoridades e instituições envolvidas no seu planejamento, gestão e efetivação. O turismo, portanto, tem um potencial imenso de trazer muitos benefícios, como malefícios para o território e seus sujeitos.

1.2 O Turismo Cultural e sua Derivação com o Turismo e a Cultura.

Gastal (2005) considera a cultura como uma das necessidades do ser humano, sendo o consumo e a vivência da cultura uma necessidade essencial ao ser humano. Devido à procura por suprir esta necessidade e a busca pelo diferente de si mesmo que se originou o anteriormente mencionado Grand Tour, ou seja, é um dos principais influenciadores para a surgimento do turismo. Tendo em vista que desde sempre o ser humano procura compreender o diferente e é através do turismo que encontra a possibilidade de realizar esse entendimento, tendo contato com culturas, lugares e línguas diferentes das conhecidas por ele.

Assim como o turismo, a cultura é uma área de estudo muito vasta e complexa que, durante séculos, pensadores e estudiosos tentam definir. Até hoje, não se tem uma definição unânime do que seja a cultura de fato, ela surge conforme o olhar epistemológico de cada pesquisador. Contudo, como definição relevante para essa análise, entende-se a cultura como:

[...] um complexo que compreende saberes, crenças, arte, éticas, leis, hábitos e outras habilidades adquiridas pelo homem enquanto membro de uma sociedade. [...] Cultura é algo que abrange todas as realizações materiais e imateriais de um determinado povo, isto é, tudo aquilo produzido pela humanidade, seja num plano concreto ou num plano imaterial, desde artefactos a crenças (TAYLOR, 1871 *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 35).

Como já mencionado, é difícil rotular o que é cultura tendo em vista que ela perpassa por várias áreas da vida social. Até a vida social em si pode ser compreendida como um aspecto cultural. Mas para o encaminhamento deste debate vamos nos ater a esta definição de que cultura é aquilo que é produzido pela humanidade, seja material ou imaterial, compartilhando ideias, valores, costumes e símbolos. O que nos leva a pensar que, de acordo com Oliveira (2017), toda viagem é uma atividade cultural, tendo em vista que oferece uma ligação entre um indivíduo e a cultura diferente da dele, aquilo que representa determinada população através de manifestações e ações.

Mas, então, o que difere o Turismo Cultural das outras modalidades de turismo, como o Ecoturismo, o Turismo de Saúde, o Turismo de Sol e Praia, dentre outros? Toda viagem já não seria uma viagem cultural devido a esse contato com a cultura?

O turismo cultural pode ser definido como “o movimento de pessoas para atrações culturais em locais distintos dos de sua residência habitual, com a intenção de obter novas experiências e informações para satisfazer as suas necessidades culturais” (European Travel Commission, 2005 *apud* HENRIQUES & QUINTEIRO, 2011, p. 601). Assim, entende-se o turismo cultural como o que promove o deslocamento para um lugar distinto do seu habitual, com motivações múltiplas, inclusive a de satisfazer suas “necessidades culturais” que, como mencionado anteriormente, é algo necessário e intrínseco à vida do ser humano.

No Brasil, a conceituação de Turismo Cultural está atrelada ao objetivo do turista por se aproximar e vivenciar o patrimônio e suas múltiplas contextualizações: patrimônio cultural, histórico, material ou imaterial (indo para além de eventos culturais); no intuito de desfrutá-los, preservá-los, valorizá-los e experienciá-los. Assim, esta modalidade compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência dos elementos significativos da cultura, de um determinado local específico ou de um contexto global (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). Então, a diferenciação deste tipo de turismo para qualquer outro é a motivação relacionada à cultura. Embora a viagem em si seja uma atividade cultural, em seu contexto globalizante, o sujeito denominado “turista cultural” somente será aquele que tiver como motivação principal: viajar para vivenciar os aspectos significativos de determinada cultura. Assim, em outras palavras, para que o turismo seja considerado um “turismo cultural”, o objetivo da viagem deve ser a cultura, seu principal foco deve ser a vivência cultural, caso contrário o contato com a cultura seria mais um efeito colateral.

O turismo cultural, portanto, se apresenta como uma forma de se experienciar determinado local, de modo diferenciado e mais completo, pois aborda tanto o passado quanto o presente, tanto o tangível como o intangível, proporcionando um contato com a herança cultural existente no espaço visitado e seus sujeitos. Os atrativos e produtos deste espaço tornam-se, então, transformados e transformadores, a partir dos imaginários produzidos pelos visitantes, sendo a união do objeto e do imaginário aquilo que o turista procura desfrutar.

Embora, por si só, o turismo utilize de imaginários para gerar mais atratividade para seus produtos, o Turismo Cultural se constitui por outros segmentos, tal como, por exemplo, o turismo cinematográfico e o literário. Neste primeiro, o indivíduo se desloca para encontrar locais e paisagens utilizados em filmes, séries e telenovelas; neste outro, as motivações partem

da arte literária, de um romance, conto ou até mesmo de uma poesia. São lugares que existem, mas que, antes de aparecerem em determinada história representada na mídia, possuíam outro significado e uso, às vezes, até mesmo, não o turístico (COUTINHO, FARIA & FARIA, 2016; GASTAL, 2005).

O turismo literário, objeto de análise desse trabalho, embora não conste nos documentos oficiais do Ministério do Turismo (tal como uma categoria do segmento turístico) surge nas teorizações sobre o turismo, a partir de autores como Coutinho, Faria e Faria (2016), além de estar inserido como uma das vertentes do turismo cultural. Para a sua efetivação, o turismo literário se apropria do imaginário, revelando uma relação intrínseca entre o imaginário, a literatura e o turismo, processo que será tratado de forma mais aprofundada no tópico a seguir.

1.3 O Turismo Literário e sua Derivação com o Turismo e a Literatura.

Quinteiro e Baleiro (2014) afirmam que, próximo ao século XVII, jovens aristocratas viajavam por países como a França e a Itália, em busca de conhecer as casas e as sepulturas dos escritores que aclamavam, com o objetivo de se aproximarem deles. Esta era a principal motivação, especificamente, para o deslocamento desses primeiros turistas. Porém, só a partir do século XX, aproximadamente, que surgiram os primeiros estudos acadêmicos relacionados ao turismo literário, e, apenas um século depois, é que se registra o aumento do interesse desta temática pelos estudiosos, na busca pela compreensão das ligações existentes entre o turismo e a literatura.

O turismo literário, assim, surge como uma modalidade de turismo cultural, tendo como finalidade tornar-se uma alternativa ao turismo promovido de forma massificada (COUTINHO, FARIA & FARIA, 2016). Segundo Stiebel (2019), tal modalidade utiliza como base para seus atrativos aspectos culturais já existentes. Assim, pode-se definir o turismo literário como a visitação de lugares onde escritores passaram o seu tempo, assim como, os lugares sobre os quais escreveram, ligando os escritores, suas obras produzidas e os lugares relacionados a ambos com o sujeito leitor. Consiste, portanto, em uma experiência de sobreposição da ficção com a realidade, ou seja, a relação intrínseca das versões ficcionais presentes na literatura e seu contexto de produção com as paisagens reais a serem visitadas pelos turistas (STIEBEL, 2019).

Para discutir a respeito do que seria turismo literário, Richard Butler aponta a seguinte definição:

[...] uma forma de turismo o qual a motivação primária para visitar uma localidade específica está relacionada a um interesse na literatura. Isto pode incluir visitar antigas ou atuais casas de autores (vivos ou mortos), lugares reais ou místicos descritos na literatura, e locais relacionados com personagens e eventos na literatura. Regiões fortemente associadas com um autor podem ser comercializadas nessa veia, assim como “Shakespeare Country” (BUTLER, 2000, *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 64).

Entende-se, portanto, que o turismo literário é um termo sugestivo e de certa forma autoexplicativo, que ajuda a especificar o fenômeno turismo, pois se refere a toda atividade turística relacionada aos textos literários e seus autores, sejam reais ou fictícios. A definição do conceito de turismo literário pressupõe, assim, a necessidade de que a literatura seja a principal motivação do deslocamento, pois, como visto anteriormente, é a motivação que define o tipo de turismo realizado. Nesse sentido, quando a literatura contribui para a formação do elemento que motiva a locomoção do turista, ela então se assume como meio de compreender melhor a cidade, em relação a sua identidade, memória e simbolismo, além de contribuir para o aprofundamento da experiência turística (HENRIQUES & QUINTERO, 2011, p. 606).

Na contemporaneidade, de acordo com Oliveira (2017), há uma busca por experiências alternativas que se difiram dos recorrentes padrões, onde o turista se torna mais ativo e participativo, se envolvendo mais a fundo com o destino a fim de adquirir conhecimento. Tal posicionamento gera uma necessidade em desenvolver novos produtos com uma abordagem diferenciada que gera o surgimento de novos segmentos turísticos, menos dentro dos “padrões”, visando atender esse perfil contemporâneo de turista em busca do alternativo. Para Simões (2002), a leitura de textos ficcionais, então, acaba por fomentar a produção destes “atrativos alternativos”, pois contribui com um fluxo turísticos de cidades ficcionalizadas e, devido a isso, ocorre o surgimento do turismo literário.

1.3.1 A Imagem e o Imaginário como Pontos de Partida para o Turismo Literário.

Entende-se que a atividade turística está intimamente ligada à criação de imagens, imaginários e expectativas por parte de cada turista. A partir das imagens é que se dá o primeiro contato de um sujeito com o local desconhecido. Essas imagens podem estar inseridas em contextos distintos, tais como livros, filmes, internet, fotos, dentre outros meios de comunicação; porém, sendo ainda um contato imagético, promovendo no sujeito que acessa essa imagem uma motivação para com aquele lugar aparente, o qual pode vir a ser um lugar a

se visitar. Muitas vezes, o desejo surge a partir dessa relação, da imagem com o sujeito, que por diversos motivos pode tocar em uma parte particular e subjetiva desse sujeito, despertando nele a vontade de viajar até o lugar observado visualmente (COUTINHO; FARIA & FARIA, 2016; GASTAL, 2005).

A imagem quando em uma “narrativa visual” é entendida nesta pesquisa como uma relação complexa das partes com o todo de um contexto, ou seja, “o todo é maior que as partes, quando deixamos de ver as linhas e o vermelho e passamos a ver uma casa vermelha” (GASTAL, 2005, p. 48). A imagem torna-se aquilo que captamos visualmente em conjunto, não apenas formas geométricas, traços, sombras ou cores separadas, mas o que elas formam em conjunto. A imagem é assim a impressão que temos quando lemos ou ouvimos sobre um lugar, é uma representação mental. Devido a estes aspectos é que a imagem está diretamente ligada ao imaginário, tendo em vista que é uma representação mental sobre algo, o que influencia no turismo literário diretamente.

O imaginário é continuamente gerado por imagens (reais ou irreais) e pode ser coletivo ou individual, além de estar sempre sofrendo constantes transformações, pois está continuamente recebendo novas informações. A criação de imaginários se dá a partir de vários componentes, tais como expressões visuais, as imagens, além das dimensões linguísticas que as acompanham, trazendo consigo o processo de pensamento que estas imagens e discursos evocam através de ideias, fantasias e ideologias (COUTINHO; FARIA & FARIA, 2016). Em suma, o imaginário é gerado com a junção das imagens por nós representadas mentalmente, seja através de aspectos visuais captados ou por discursos e opiniões ouvidas a respeito, que resultam em processos de pensamento como ideias, fantasias, dentre outras.

O imaginário trata não só de imagens, mas também de sentimentos, desejos e necessidades humanas, como um “reservatório-motor”:

Como reservatório agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras de vidas e, através de um mecanismo individual/grupal, sentimental um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e aspirar ao estar no mundo [...] Diferente do imaginado - projeção irreal que poderá se tornar real -, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (SILVA, 2001 *apud* GASTAL, 2005).

Pode-se, portanto, entender a partir disso que: o imaginário¹ advém do real, das leituras da vida, lembranças e sentimentos, sendo assim um influenciador de impressões e opiniões.

O imaginário apenas capta as suas ideias da realidade, processa-as e as torna em fingimento. Mentira? Não. Pelo menos não na sua concepção corriqueira. Mas realidade imaginada, aquela capturada do vivido e constituída em sentido - ou seja, ficcionalizada (SIMÕES, 2002, p. 181).

Por isso, a sua importância e relação com o turismo é evidente, já que ao viajar e se deparar com o novo (territórios, sujeitos, culturas etc.), apenas tido no imaginário ou visto em imagens, já se tem consigo uma opinião a respeito e, acima de tudo, uma expectativa. Visando não frustrar essa expectativa é que, segundo Coutinho, Faria e Faria (2016), o imaginário e a imagem turística devem ser autênticos, sinceros e honestos em relação ao que é apresentado, pois, falsificar estas imagens/imaginários é um risco à atividade, principalmente à modalidade de turismo literário.

O fenômeno turismo relacionado à literatura, portanto, baseia-se, em grande parte, por produtos intangíveis, na medida em que a imagem turística é criada, forjada e divulgada, e pode resultar em ilusões, decepções ou quebras de expectativas, podendo interferir na credibilidade da atividade, dificultando-a ou até mesmo extinguindo-a, principalmente no caso do turismo literário.

No que diz respeito à literatura, ela tem impulsionado, há centenas de anos na sociedade, a descoberta de suas identidades ao realizar a leitura do mundo e da existência, registrando-as em pedaços de papéis, eternizando-as e divulgando-as perante o mundo, como abordado por Oliveira (2017). Ela é uma das principais atividades para disseminar a cultura na sociedade, mesmo em sua forma contemporânea, através das mídias sociais e internet, onde a informação se propaga em uma velocidade inacreditável, visto que é através dela que se conhece outras culturas e lugares, sem mesmo sair de casa. Textos literários são muito mais do que amontoados de palavras, pois as memórias, significados e emoções contidos nela (e por ela transmitidos) podem ser espelhados em lugares físicos e passíveis de serem experienciados, tornando as viagens imaginárias, advindas da literatura, em viagens concretas e vividas.

¹ O imaginário também pode ser compreendido, a partir de Durand (1998, p. 177), como "a faculdade da simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente (do inconsciente e consciente) desde os cerca de um milhão e meio de anos que o homo erectus ficou em pé na face da Terra".

Sendo assim, a literatura se destaca como um meio de conhecer novas culturas, sem ser necessário mobilidade física, apresentando a atividade da leitura como uma forma de pensar a respeito de como aproveitar a sensação de incompletude, desconforto, e de conhecer o outro que é seu vizinho, que habita o mesmo mundo. A literatura é uma arte fertilizadora da ideia de viagem, nos ensina a fantasiarmos de viajantes, sem exigir de nós um deslocamento físico (CASTRO, 2020). Esse tipo de “turista” (o que não se desloca fisicamente pelo espaço) pode ser denominado de “leitores-turistas”, de acordo com Simões (2002), pois ele “passeia” pelos lugares através dos livros, povoam seus imaginários com obras que instigam na produção de imagens das terras, da cultura e da população de um dado lugar. Estes lugares não devem, necessariamente, ser uma cópia do mundo real, muitas vezes são fantasiosos, o que desperta no “leitor-turista” o desejo de conhecer a inspiração para aquelas terras ficcionais que lhe são tão caras, que tocaram em algum ponto particular dentro dele e o faz se sentir tão conectado com aquele mundo descrito nas páginas dos textos literários.

O “leitor-turista” ao se deslocar fisicamente para as terras até então tidas como ficcionais, ele deixa de ser um leitor-turista e passa a ser considerado um “turista-leitor”, segundo Simões (2002). Para a autora, essa mudança ocorre quando, ao se interpretar o imaginado ficcional, é despertada uma curiosidade de conhecer o real, como um impulso de partir da ficção para a realidade. É quando o leitor quer conhecer fisicamente os locais reais que já conhece na ficção, levando o leitor a viajar para reconhecer e observar aquelas cidades que ele já visitou antes através da leitura. O “leitor-turista” se torna “turista-leitor” quando os passeios imaginados não são mais satisfatórios para as viagens interiores e ele necessita se deslocar para seu “exterior”, para conhecer o real, a inspiração da ficção.

Assim, essa relação entre o turismo e a literatura faz com que, através do turismo, tornem-se concretos os espaços literários que existiam apenas no mundo imaginário de cada leitor (COUTINHO; FARIA & FARIA, 2016). O “fazer real”, implica, muitas vezes, atribuir um novo significado a um espaço físico já preexistente. Este tipo de relação é muito observado no turismo literário, pois, como tratado anteriormente, a modalidade aqui pesquisada é, majoritariamente, baseada em imaginários criados e que, muitas vezes, levam a uma ressignificação dos espaços narrados na literatura e que futuramente poderão ser visitados por meio das viagens. A partir dessa visita, do fazer turismo a partir das motivações literárias, é que se promove uma ressignificação dos espaços, objeto de estudo desse trabalho.

2. A RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PELO TURISMO E A LITERATURA

Para darmos continuidade à proposta desta pesquisa, faz-se necessário resgatar neste item as abordagens sobre alguns conceitos que se relacionam com a ressignificação dos espaços, pois este é um dos pontos essenciais da problemática aqui apresentada. Por meio da análise qualitativa do conceito de ressignificação dos espaços, e dos demais conceitos que o circundam, é possível compreender, também, sua relação com o turismo e a literatura. Identificados como três conceitos-chave para esta pesquisa, o turismo, a literatura e a ressignificação dos espaços irão se unir e influenciar um ao outro, possibilitando a compreensão, no terceiro capítulo deste trabalho, de como esses fenômenos se efetivam. Mas para lá chegarmos, faz-se importante resgatar o sentido das palavras ressignificação, espaço e suas relações com a cultura, como conceitos que se dialogam e em sua prática, para então entendermos o que representa e como se materializa a ressignificação dos espaços pelo turismo e a literatura.

2.1 O Desdobramento da Ressignificação dos Espaços Enquanto Conceito

Para melhor compreender a ressignificação dos espaços, enquanto conceito de análise deste trabalho, a partir do turismo e da literatura, é importante entendê-lo enquanto construção teórica de pensamento, a partir de alguns de seus pressupostos, ou seja, a ressignificação, o espaço e a cultura.

O que seria ressignificar?

Ao procurar por sua acepção em dicionários, encontra-se que ressignificar é atribuir um novo significado a algo; é dar um sentido diferente a alguma coisa (DICIO, 2020). Segundo o José Roberto Marques, presidente do Instituto Brasileiro de Coaching (2019), este “algo” ou “alguma coisa” trata-se de uma experiência ao qual se significa novamente, uma experiência de vida de algum indivíduo. A ressignificação é utilizada como um método que consiste em ajudar um indivíduo a atribuir novos significados a acontecimentos, geralmente negativos, com o objetivo de torná-lo algo mais positivo. É defendido que o significado de todo acontecimento e experiências depende do filtro pelo qual se vê, portanto, na medida que se muda esse filtro, muda-se também o significado do acontecimento.

Compreendendo o sentido do termo ressignificar, tal como a ação de atribuir um novo significado a algo, uma segunda pergunta nos instiga. Mas, o que exatamente é atribuir um

significado? Para o dicionário (DICIO, 2018), o termo significado quer dizer o sentido de algo, é aquilo que alguma coisa quer dizer. É também a relevância que se dá a algo, seu valor, é a importância representativa atribuída a um sinal ou símbolo. Sendo assim, do ponto de vista de Belchior (2014, p. 56-62), ressignificar é dar um novo sentido ao objeto, alterar seu conceito, percepção ou interpretação original, é tornar coerente o objeto para o indivíduo através de um novo ponto de vista. Para o autor, o ressignificar implica em ampliar a informação e a complexidade do que está sendo atribuído de um novo valor, ou seja, aumenta suas possibilidades de usos.

Mas o que se procura discutir neste trabalho, além de objetos, sentimentos, acontecimentos ou até mesmo pessoas, são os espaços, representados pelas cidades, lugares, e como se efetivam as ressignificações dos espaços a partir do turismo e da literatura. Sendo assim, se aplicarmos tais conceitos ao nosso objeto de interesse, a ressignificação se atribuirá de um novo valor, uma nova relevância representativa em relação a determinado espaço que, por alguma razão, teve seu significado “atualizado” pela literatura e, conseqüentemente pela atividade turística, ou foi agregado a um novo significado, além daquele que o espaço já possuía anteriormente.

A ressignificação no caso de espaços, lugares e cidades, não necessariamente se faz de forma excludente, ocorrem como um adendo, tendo em vista que sua configuração é também decorrente de um processo secular, histórico e cultural, acompanhado por um “novo” significado, o qual não se pode simplesmente ignorar ou atribuir novo sentido.

Ao analisarmos o espaço isoladamente, enquanto conceito-complementar da ressignificação, pode-se observá-lo do ponto de vista de um “espaço-tempo vivido”, que se constitui de forma múltipla, diversa e complexa. Todo espaço é, ao mesmo tempo, funcional e simbólico, pois se efetiva tanto pela realização de funções quanto da produção de significados. Com isso, conseguimos observar que, para além de fonte de recursos, visando a produção e o lucro, temos o espaço como um símbolo, como um lar, um valor não mercadológico, conforme apresenta Haesbaert (2004). Ambos, função e símbolo, dão sentido a essa categoria conceitual, o espaço, e torna-o passível de sofrer ressignificações. Portanto, não representa necessariamente a atribuição de um novo significado aleatório, mas de ressignificação no sentido funcional e também simbólico. Entende-se, assim, que os espaços passam por processos de recuperação, reconhecimento e valorização no decorrer do tempo. Cidades e lugares têm seus significados definidos com o passar dos anos e com um ator em comum, o ser humano (HAESBAERT, 2004). Na construção de simbologias e significados, o ser humano é o principal agente

transformador, isso se dá porque é ele através de leis e aspectos culturais que agrega valor ao espaço.

No entanto, é difícil separar o que é resultante de um efeito exclusivo e originário de leis ou políticas públicas, ou até mesmo de ações religiosas, ambos resultantes de um aspecto cultural da sociedade, pois, como já tratado anteriormente, a cultura é um aspecto que perpassa por todas as áreas da sociedade, influencia todas as suas estruturas, assim como é influenciada por outros campos do conhecimento, tendo em vista a definição de cultura apresentada por Kluckhohn (1949), citado por Geertz (1989, p. 14):

(1)“como o modo de vida global de um povo”;(2) “o legado social que o individuo adquire do seu grupo”;(3) “uma forma de pensar, sentir e acreditar”; (4) “uma abstração do comportamento”; (5) “uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente”; (6) “um celeiro de aprendizagem em comum”;(7) “um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes”;(8) “um comportamento aprendido”;(9) “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”; (10) “um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação ao outros homens”; (11) “um precipitado da história”.

A cultura, portanto, é entendida como uma herança, que se revela tanto quanto sentimentos, crenças e estilo de vida, como em normas e leis para regulamentar os comportamentos sociais e facilitar a convivência entre os sujeitos, de uma mesma ou distinta cultura. É devido a essa ampla interpretação do conceito que não se consegue dissociar a cultura das demais áreas, pois ela age como uma base inconsciente de tudo; e o ser humano não poderia desempenhar outro papel a não ser o de protagonista nesta situação, pois, como aponta Geertz (1989, p. 15): “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, sendo o principal agente promotor das ressignificações de espaços.

Ao se pesquisar sobre a cultura em espaços turísticos, encontra-se em Meneses (2006), que se deveria evitar, ao máximo, fenômenos que o autor denomina por “monumentalização de eventos” e a “musealização de existências”. Tais fenômenos consistem em uma não problematização das edificações e das pessoas que integram a história da comunidade local, onde os mesmos servem apenas como objetos materiais expostos e se desconsidera a construção dinâmica da cultura visitada. Em outras palavras, é a tentativa de proteger e, ao mesmo tempo, divulgar dado produto, mas que, no meio do processo, é tirado dele o elemento fundamental, que é a “dignificação da existência cotidiana”, ou seja, a incorporação efetiva da cultura como essência do produto que se escolheu para construir e vender (MENESES, 2006).

Para se evitar a monumentalização e musealização, por exemplo, nos remete o autor, faz-se necessário dar a devida importância àquelas pessoas que são os agentes de transformação do espaço. No caso das cidades, a comunidade local, o seu cotidiano, segundo Meneses (2006), torna-se mais que estimulador de curiosidade, é elemento problematizador em que se busca fruir outras experiências de sua vivência. Além disso, é a partir das intermediações que se fazem entre a cultura passada e o cotidiano que é possível se aproximar do entendimento da história local, assim como a construção de um imaginário, permanecendo na mente de um turista, por exemplo, estimulando a busca por novos entendimentos e prazeres.

O objetivo de esquivar-se dessa musealização/monumentalização é o de estabelecer uma leitura da cidade que permita (não só ao cidadão como ao turista) ver através da cidade do presente a simbologia do passado e suas práticas sociais, de acordo com Souza (1995), citado por Vieira (2014, p.8). Com isso entende-se que o ser humano, por “estar amarrado a teias de significados por ele mesmo tecidos” (GEERTZ, 1989, p. 15), é o principal agente e promotor da ressignificação do seu próprio espaço. A problematização que ele gera em cima de sua própria cultura e do seu próprio espaço, desperta novos olhares e, como já apresentado pela visão do Instituto Brasileiro de Coaching (2019), são utilizados outros filtros ao se olhar para o espaço, após essa problematização, proporcionando entendimentos sobre a mesma, assim como reflexões e questionamentos de como ela se efetiva de forma prática.

Ao olharmos para o turismo, além de haver uma problematização dos significados históricos e socioculturais, deve-se adotar um ponto de vista criativo, pois ao conseguir identificar potencial turístico em um lugar onde antes não se via tal finalidade, é necessário conseguir enxergar além do que se vê e questionar-se o que mais aquele espaço poderia oferecer. Para se fazer essa releitura do espaço urbano de uma cidade, segundo Santos (2012), é importante compreender como se dá a “produção do espaço”:

Compreendo a produção do espaço urbano a partir de processos decorrentes do encontro e/ou choque de diversos grupos. Dessa forma a paisagem urbana deve ser lida como um acúmulo desigual de tempos, composta pela combinação de diferentes processos e experiências e não fruto do protagonismo de apenas um grupo (SANTOS, 2012 *apud* VIEIRA, 2014, p. 8-9).

Isto mostra o quão múltiplo um espaço pode ser e o quão diverso pode ser seu significado e valor. Trabalhar com comunidades e grupos distintos em um mesmo espaço é um processo complexo, pois resulta em um espaço com símbolos e significados diferentes,

conforme as singularidades de cada comunidade. Porém, é graças a essa complexidade que o espaço se constitui. Uma cidade ou um lugar, portanto, é consequência do que as pessoas - que vivem nele e o usam - fazem dele.

2.2 O Desdobramento da Ressignificação dos Espaços Enquanto Prática

Como já observado, o turismo cultural tem por objetivo apresentar toda a diversidade cultural que existe em um mesmo espaço, da forma mais completa possível, pois “é próprio do homem buscar conhecer diferenças culturais, intentar compreender significados para as vidas de outros grupos sociais, visitar lugares que não são os seus para compreendê-los em sua espacialização histórica e cultural própria” (MENESES, 2006, p. 20). Assim, o turismo cultural supre uma certa curiosidade inata ao sujeito que viaja. Porém, deve-se ter muito cuidado ao interpretar a cultura com o objetivo de transformá-la em atrativo, pois há o risco da mesma tornar o cotidiano engessado, uma “musealização da vida” (MENESES, 2006), como tratado anteriormente.

Nesse sentido, o turismo associado à literatura, derivação que alguns autores identificam como turismo literário, representa uma modalidade ainda em expansão, que já tem agido na resignificação de certos espaços, a partir do imaginário, da curiosidade e do interesse cultural despertados em certos sujeitos leitores que viajam. Tendo em vista que esta modalidade se utiliza do imaginário criado pela literatura, por parte do sujeito leitor, os agentes dessa segmentação propõem criar roteiros e atrativos relacionados ao mundo fictício, que tantas pessoas (leitores e turistas) apreciam. O turismo literário, portanto, desperta naquele que lê o desejo de viajar; alimenta sua imaginação, ao ponto de tornar necessário a viagem, o transportar-se fisicamente, para viver a experiência de fazer parte daquele mundo que, inicialmente, existia apenas em seu imaginário.

Assim, materializa-se a resignificação dos espaços. Uma simples casa, passa a ser um atrativo turístico, pois foi ali que um determinado autor viveu. Ou uma singela cafeteria que passa a ter um outro significado por ter sido lugar de produção criativa de um determinado autor.

De forma a ilustrar como se dá esse fenômeno promovido pelo turismo literário, no território brasileiro, citamos a Casa do Rio Vermelho, nome pelo qual ficou conhecida a casa onde o autor Jorge Amado e sua esposa (também escritora Zélia Gattai) viveram, localizada na

cidade de Salvador na Bahia. Da mesma forma, uma cafeteria comum, chamada The Elephant House, localizada em Edimburgo (Escócia), que passa a receber filas quilométricas em sua porta, por ter sido o local onde a autora J.K. Rowling escreveu o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Ou até mesmo algumas ruas, pelas quais uma certa comunidade passa todos dias para ir trabalhar ou voltar para casa, que se torna um atrativo indispensável a ser visitado por leitores, pois foi o local que determinado personagem literário descreveu seus conflitos relacionando-os com as coisas ao seu redor, como por exemplo, nos “Rebus Tours”, que consiste em três diferentes tipos de passeios (a pé) pelos cenários apresentados nas séries da obra “Inspector Rebus”, de Ian Rankin, também em Edimburgo (Escócia).

A obra literária, nesses e em outros exemplos, ascende então à “paisagem literária”, ou seja, quando a paisagem é entendida como um lugar ficcional, que se mostra como uma “representação do local”, sendo a primeira uma “balizadora da realidade” ou, até, proposta como “mecanismo cognitivo”, conforme Meyer, Marques e Barbosa (2016). Assim, se por um lado, práticas sociais que se dão no cotidiano da comunidade são corriqueiras, por outro, tem um enorme valor para o “turista-leitor”. São espaços que, com a ajuda interpretativa do turismo ou de políticas de patrimônio cultural, ganham um novo significado, uma nova finalidade, graças ao teor ficcional que uma obra ou um autor atribui e consegue despertar nos leitores o desejo de experienciar a ficção ou viver para além das páginas, naquele mundo que o inspirou e cativou durante a leitura.

Conforme Cunha (2008 *apud* QUINTEIRO & BALEIRO), a relação da literatura com o espaço, na tentativa de espelhar no real o que habita o imaginário dos leitores, acaba por atribuir um novo significado a estes espaços. Não necessariamente o antigo deixa de existir, mas passa a dividir seu lugar com este novo significado que foi atribuído ao local, pois um mesmo local possui múltiplas realidades, podendo ser para os moradores uma e para os visitantes outra. “O lugar constitui-se quando lhe é atribuído um sentido, ou seja, quando o espaço é dotado de valor transformando-se em lugar” (CUNHA, 2008 *apud* QUINTEIRO & BALEIRO, 2014, p. 15). Em outras palavras, o lugar se transforma em lugar quando a ele são atribuídos valores e significados, sendo também fruto da sociedade, ou seja, uma construção social.

Ao buscar compreender, especificamente, como os espaços literários se formam, identificamos em Quinteiro (2019), Quinteiro e Baleiro (2014) e Coutinho, Faria e Faria (2016) as abordagens necessárias para tal compreensão. Conforme esses autores, os espaços literários também podem ser denominados como “recortes de um certo espaço”, aos quais a literatura dá

um novo significado. Se no espaço em si, lhe é atribuído um “novo” valor ou significado, de acordo com a sociedade, isso pode caracterizá-lo como um “espaço literário”, ou seja, é no fato de em seu valor ser atribuído um novo, por meio da literatura.

Os espaços literários associados à figura do autor, por exemplo, são os que mais frequentemente se transformam em atrativos turísticos, porém, não são os únicos tipos. Também é possível considerar aqueles que serviram de cenário ou fonte de inspiração para a produção de alguma obra literária. A relação entre turismo e literatura, portanto, passa para além do potencial que a obra literária possui – a de fixar memórias. Ela também promove a capacidade de construção e reconstrução de outras memórias relacionadas ao espaço, ressignificando-o em um “espaço turístico literário”, sendo capaz, assim, de uma ressignificação de outros espaços (sendo eles ficcionais ou não), o que impulsiona leitores-turistas a se tornarem turistas-leitores (QUINTEIRO, 2019; QUINTEIRO & BALEIRO, 2014; COUTINHO, FARIA & FARIA, 2016).

O conjunto destes espaços literários é o que formam os “mapas literários”, conforme apresenta Quinteiro (2019), fundamentais para o planejamento e desenvolvimento do turismo literário. Por mapas literários, segundo Quinteiro (2019), entende-se o registro de percursos percorridos por personagens e narradores, e pontos geográficos referidos em um texto, ou seja, uma junção de geografia e literatura, chamada também de cartografia literária. Nesses mapas comportam, também, os lugares de cotidiano dos autores, tais como casas, sepulturas, dentre outros, e podem ser utilizados como recurso do turismo, para reforçar e construir identidades, ressignificar paisagens e multiplicar leituras. Tendo isso em vista, há uma sobreposição de universos num mesmo recorte de espaço físico, pois literaturas distintas podem gerar mapas também distintos, porém, de um mesmo lugar. Assim, ao mesmo tempo em que um local pode ter um determinado significado (como o de um abrigo ou lar qualquer), ele também pode significar um determinado lugar (um abrigo ou lar de um determinado autor, onde ele escreveu sua obra mais famosa), e, ainda assim, pode ter um terceiro significado, como parte de um percurso que um personagem de uma obra de um outro autor fez. São, portanto, sobreposições de significados, o que identifica que o fenômeno de ressignificação é dinâmico.

A ressignificação de espaços, para além de atribuir uma funcionalidade a mais, pode também gerar empregos e um fluxo econômico favorável para a região, contribuindo para o desenvolvimento econômico da comunidade local o qual pertence. Neste caso, por meio do turismo, que resulta no deslocamento que o turismo literário promove, na movimentação do turista por novos espaços, tradicionalmente não turísticos (QUINTEIRO, 2019). Para Henriques

e Quinteiro (2011), o fenômeno também pode promover uma reconstrução de cidades e de seus respectivos lugares, a partir da literatura, reconhecendo que os escritores e suas obras ajudam para uma valorização da identidade destes espaços, tendo em vista que seus roteiros, cenários, locais, casas, personagens, como os próprios autores, representam uma perspectiva particular da realidade, que é apresentada de uma forma diferente. A literatura, assim, é capaz de proporcionar diferentes leituras do mundo.

A fim de exemplificar alguns casos de ressignificação dos espaços, a partir do turismo, conforme aqui analisados identificamos, principalmente, as ressignificações a partir da literatura, pois na contemporaneidade estas ressignificações também são impulsionadas por meio de filmes, séries e novelas, que também podem estar baseadas em obras literárias, trazendo de certa forma vida ao imaginário dos leitores. Obras literárias como “O Senhor dos Anéis”, trilogia do gênero fantasia, escrita pelo britânico J. R. R. Tolkien, impulsionaram o turismo na Nova Zelândia, por exemplo, após ganhar destaque pela indústria *hollywoodyana* de cinema. O fenômeno se consolidou graças a criação da “vila dos hobbits”, cenário onde o personagem principal das histórias do autor habita. Hobbits são seres criados por J. R. R. Tolkien e que viajam pela Terra Média experienciando aventuras inúmeras em nome da paz entre os reinos criados para a ficção. Com a finalidade de ser um set de filmagens para a saga cinematográfica, a vila foi construída em uma fazenda privada na cidade de Matamatal. Após o fim das gravações, o cenário foi, logicamente, desmontado, voltando com a paisagem original do local. Porém, alguns anos depois, na tentativa de utilizar o mesmo local para gravar outra adaptação dos livros de J. R. R. Tolkien - correspondente a saga do Senhor dos Anéis -, o diretor dos filmes, Peter Jackson, foi informado pelo proprietário da fazenda que após o antigo cenário ser desmontado, milhares de fãs procuraram suas terras para visitar, levando em consideração ser o local das gravações do filme. Isso fez com que Peter Jackson tivesse a ideia de, desta segunda construção da vila, não a desmontar, permanecendo com o cenário fixo para atrair ainda mais os fãs da saga e do autor J. R. R. Tolkien. A busca pelo denominado *Hobbiton Movie Set* gerou um relevante fluxo turístico para o país.

Em suas obras, J. R. R. Tolkien descreve o “Condado”, nome genérico da mencionada “Vila dos Hobbits”, de forma bastante detalhada, como um local agradável, frutífero e cercado por colinas verdejantes e natureza exuberante, conforme a seguir:

A terra se estendia por 120 milhas desde as Colinas Distantes até a Ponte do Brandevin, e por 150 milhas dos pântanos do norte até os charcos do sul. Os hobbits a chamaram de Condado, sendo a região de autoridade de seu Thain e um distrito de

negócios bem-organizados; e ali, naquele canto agradável do mundo, exerceram sua bem organizada atividade de viver e prestavam cada vez menos atenção ao mundo de fora, onde coisas obscuras aconteciam, chegando a pensar que paz e fartura fossem a regra na Terra-média e o direito de todas as pessoas sensatas. Esqueceram ou ignoravam o pouco que sabiam dos Guardiões e dos trabalhos daqueles que possibilitavam a paz prolongada do Condado. Na verdade, eles estavam protegidos, mas deixaram de se lembrar disso (TOLKIEN, 2001, p. 13).

Ao detalhar as formas arquitetônicas das casas onde residem os Hobbits (ver Figura 1), o autor descreve conforme a seguir:

O ofício da construção [dos Hobbits] pode ter vindo dos Elfos ou dos homens, mas os Hobbits o usavam a sua própria maneira. Não gostavam de torres. Suas casas eram geralmente compridas, baixas e confortáveis. Os tipos mais antigos eram, na verdade, nada mais que imitações construídas de *smials*, cobertas com grama seca ou palha ou turfa, e com paredes de certo modo arqueadas. Esse estágio, entretanto, pertenceu aos primeiros tempos do Condado, e as construções dos Hobbits tinham sido alteradas havia muito, aprimoradas por métodos aprendidos com os anões ou desenvolvidos por eles próprios. Uma preferência por janelas e mesmo por portas redondas era a peculiaridade mais importante da arquitetura Hobbit. As casas e tocas dos Hobbits do Condado eram sempre grandes, e habitadas por grandes famílias (TOLKIEN, 2001, p. 15).

Com tantos detalhes presentes na escrita da obra literária de Tolkien (2001), o diretor dos filmes encontrou em Matamata uma representação à altura dos cenários narrados na ficção.

Neste exemplo em destaque, também é possível identificar uma discussão a respeito deste cenário, compondo uma rota de turismo cinematográfico ou turismo literário, pois ambas modalidades, relacionadas ao turismo cultural, se fazem quase indivisíveis na atualidade, tendo em vista que um grande número de filmes e séries televisivas ou serviços de *streaming* de grandes sucessos, caracterizados como produções cinematográficas, são baseadas a partir do imaginário de uma obra literária.

Diante do exposto, a pesquisadora se questiona: - Até que ponto esse fenômeno pode se caracterizar como turismo literário ou se torna turismo cinematográfico? É possível de fato fazer essa distinção? Entretanto, uma relação se faz evidente para a pesquisadora: o que difere uma de outra modalidade é a motivação, pois conforme o Ministério do Turismo:

[...] caracteriza-se pelos deslocamentos motivados para a visita a locais ou atrações que tiveram aparição no cinema ou na TV, dentro do contexto da produção audiovisual em que está inserido, sendo considerado um tipo de turismo específico do segmento cultural. Os turistas que viajam para as paisagens que servem de pano de fundo de filmes são chamados de *set-jettors*. O cinema, portanto, funciona como reforço de

símbolos que podem influenciar a escolha de destinos de turistas (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 21).

Segundo a descrição, pode-se inferir que: enquanto o turismo literário está intimamente ligado à obra literária e a sua relação com o autor, o leitor e o espaço; o turismo cinematográfico está ligado às paisagens utilizadas em suas produções, fictícios ou reais, além de ter o foco na visitação de locais que apareceram nas produções audiovisuais, ou seja, está diretamente ligada à reprodução da mídia cinematográfica, e não na obra literária a qual o filme é baseado. Ainda assim, torna-se um movimento complexo, classificar o que pertence ou não a tal modalidade. Porém, para a discussão deste trabalho, busca-se considerar um atrativo como sendo literário, pela sua ligação, veracidade e semelhança com a obra literária, sendo esta a matéria prima para a produção audiovisual ou não.

Figura 1: Hobbiton *Movie Set* - Toca de um Hobbit



Fonte: Viajando Aprendi - Iara Vilela²

Figura 2: Estação King's Cross - Plataforma 9 ¾



Fonte: Estadão Viagens - foto por Eddie Keogh³

Outro exemplo muito significativo de ressignificação dos espaços pelo turismo literário é o fenômeno produzido pelos atrativos relacionados à obra literária de J. K. Rowling, autora dos livros da saga “Harry Potter”, os quais contam a ficção sobre a vida e as aventuras do menino bruxo Chamado Harry Potter. Ao longo da saga, o personagem principal passa por diversos locais de Londres, na Inglaterra, que existem na vida real, mesmo que, por se tratar de

² VILELA, Iara. Conheça o set de filmagens dos filmes “O Senhor dos Anéis” e “O Hobbit.” Viajando Aprendi. Disponível em: <<http://viajandoaprendi.com.br/hobbiton-movie-set-veja-como-e-a-vila-construida-para-os-filmes-o-hobbit-e-senhor-dos-aneis/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

³ KEOGH, Eddie. O “mapa do maroto” de Harry Potter no Reino Unido. Estadão. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,o-mapa-do-maroto-de-harry-potter-no-reino-unido,70002912280>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

um livro do gênero fantasia, os lugares reais sejam repletos de magia e características que não existem na realidade. Normalmente, em obras desse estilo, os locais descritos pelos autores não são possíveis de serem encontrados na vida real, tal como são descritos na literatura. Essa é uma característica que, segundo Filho (2008), mesmo se os espaços representados fossem fiéis à realidade, ainda assim, seriam ficcionais. Dentro dessas representações de espaços na literatura, o autor ainda os classifica em três gradações diferentes, sendo estas: a representação do espaço realista, ou imaginativa, ou fantasiosa.

No caso de J. K. Rowling, estes espaços são criados pelo imaginário da autora, já que, como no caso citado (a Inglaterra), há lugares que existem no mundo real e são semelhantes aos que vemos no mundo real, em nosso cotidiano, muito embora, em alguns momentos, esses espaços possam também ser considerados fantasiosos, pois existem detalhes que não são reais; não possuem nenhuma semelhança com a realidade, e não seguem nenhuma regra do mundo natural que conhecemos.

Um dos locais mais icônicos da história é a “Estação de trem King’s Cross”, mais especificamente a “Plataforma 9^{3/4}” (ver Figura 2), onde os alunos buscam para embarcar no Expresso Hogawrts, com destino à Escola dos Bruxos da saga. Na vida real, esta plataforma não existe, pois no livro ela está localizada entre a plataforma 9 e a plataforma 10. Somente os alunos “bruxos” poderiam vê-la e ter acesso a ela. Porém, devido ao grande fenômeno que esta obra literária se tornou, chegando a ser recordes de bilheteria quando foi adaptada para os cinemas, a estação de trem ganhou muita visibilidade, mesmo sendo uma plataforma mágica.

Graças a essa popularidade, a administração da estação de trem de Londres viu como oportunidade de homenagear a obra, promovê-la como um atrativo turístico. A partir disso, resolveram instalar uma placa identificando a plataforma fictícia (ver Figura 2) e, junto dela, um carrinho com malas atravessando a parede, tal como na ficção, que hoje atrai centenas de fãs e turistas que não se importam de esperar em filas gigantescas só para tirar uma foto na plataforma.

Este exemplo da Plataforma 9^{3/4} na estação de trem King’s Cross deixa evidente do que a resignificação de espaços é capaz de realizar. Neste caso a estação de trem tem uma finalidade e um significado já preexistente, seja como apenas um meio de transporte para os ingleses, ou seja por um cunho histórico atribuído à mesma, este significado é o “original”, por assim dizer, qualquer pessoa que não conhecesse a obra de J. K. Rowling a frequentaria e interpretaria como a estação de trem King’s Cross. Porém, com a resignificação atribuída a este espaço a partir da obra literária da autora, passa a existir um outro significado paralelo ao

“original”, que seria a estação de trem King’s Cross onde está localizada a plataforma que levará os bruxos até a escola de magia Hogwarts. Essa ressignificação foi tão eficaz que os leitores da obra de J. K. Rowling visitavam a estação de trem para se sentirem mais próximos e conectados com a obra que tanto estimam, mesmo que não pudessem de fato ver a plataforma citada no livro pois ela nunca existiu de fato, o que gerou um fluxo turístico para o local.

Foi graças ao olhar sensível para esta situação da administração local que foi instalada uma placa para caracterizar a plataforma fictícia, o que apenas alavancou ainda mais o turismo no local, colocando-o assim como um novo atrativo da cidade de Londres, especialmente para aqueles que são fãs da obra e da autora. Dessa forma pode-se observar que a mesma estação de trem tem significados diferentes sem deixar de ser um ou outro e de que a literatura tem um forte poder de ressignificar espaços. No capítulo a seguir serão tratados e analisados mais a fundo casos de ressignificação literária dos espaços a fim de deixar mais claro ainda como essa relação contribui para o desenvolvimento do turismo, principalmente na cidade de Edimburgo na Escócia, que é um local com fortes influências literárias nos significados dos espaços.

3. A RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO NA ESCÓCIA A PARTIR DA LITERATURA DE J. K. ROWLING E DIANA GABALDON

Na seguinte parte deste trabalho será apresentada a análise da pesquisa, a partir das referências bibliográficas pesquisadas e do resultado das pesquisas em páginas da internet, blogs, notícias e artigos produzidos por agências de viagens ou turistas sobre a Escócia. O recorte espacial adotado, com a finalidade de ajudar na compreensão das questões debatidas nos capítulos anteriores, foi a Escócia, um dos países que compõem o Reino Unido. Esta escolha se deu graças à reputação do país em relação à literatura e de sua relevância espacial para muitas obras de apreciação da pesquisadora. Com o intuito de servir de exemplo e auxiliar na análise deste recorte espacial, serão utilizadas aqui duas obras literárias, as quais suas tramas são ambientadas no país pesquisado ou inspiradas em fatos e lugares reais nele existentes, são eles: “Harry Potter e a Pedra Filosofal” de J. K. Rowling e “Outlander”, uma obra em série escrita por Diana Gabaldon.

Para esta análise, tanto sobre a Escócia como das obras literárias escolhidas, observamos partes específicas das narrativas dos livros, assim como declarações dos próprios autores, que apontam questões como: os lugares de inspiração e os lugares relacionados ao cotidiano dos autores; as descrições e citações dos lugares (fictícios ou não) presentes nos livros; os aspectos históricos do país, narrados nessas obras literárias e, também, observar a relação de como a literatura tem atuado nesses espaços do cotidiano do país, além de buscar identificar os resultados aparentes em relação à atividade turística nele realizada – a partir das obras pesquisadas.

3.1 A Escócia, suas Particularidades Urbanas e sua Relação com a Literatura

A Escócia, enquanto recorte espacial deste trabalhado, é um país localizado no continente europeu, caracterizado por ser um dos quatro países que compõem o Estado Soberano do Reino Unido, cobrindo a parte norte da ilha da Grã-Bretanha (ver figura 3), fazendo fronteira com a Inglaterra. Sua capital, Edimburgo, é conhecida como a segunda maior em extensão, sendo Glasgow a primeira e Aberdeen a terceira, que carrega o título de capital do petróleo da Europa. O idioma oficial do país é o inglês e o gaélico escocês, e a moeda que circula em todo o seu território é a libra esterlina, assim como o de todos os países que fazem parte do Reino Unido.

Figura 3: Mapa do Reino Unido



Fonte: CBN Campinas⁴

O turismo na Escócia, de acordo com Moraes (2017), tem como principais atrativos as belas paisagens naturais e sua cultura. As Terras Altas da Escócia, composta por montanhas, lagos e belos vales, é um dos importantes atrativos naturais do território, sem contar que é nelas, próximo a cidade de Inverness, que se encontra o famoso *Loch Ness* (Lago Ness), local onde lendas retratam a presença de um monstro do Lago Ness, ou Nessie, como é carinhosamente chamado. Além destes aspectos, também podemos destacar o fato de que há, aproximadamente, setecentos e cinquenta ilhas espalhadas pela costa escocesa; algumas inabitadas e outras imersas. Lendas, sítios arqueológicos e até destilarias de wishky são outros significativos atrativos do país.

⁴ CBN Campinas. Reino Unido deve pagar 57 bilhões de libras para a União Européia por deixado o bloco europeu. Disponível em: <https://portalcbncampinas.com.br/2017/12/reino-unido-deve-pagar-57-bilhoes-de-libras-para-a-uniao-europeia-por-deixado-o-bloco-europeu/>

Os moradores das Terras Altas, os *highlanders*, assim como os *celtas* e os *vikings*, também se destacam como atrativos culturais do país, tendo em vista que a cultura dos celtas é a raiz do povo escocês, e que a influência dos vikings pode ser vista até hoje em festivais como o *Up Helly Aa*⁵, que consistem em festivais de fogo celebrados nas Ilhas Shetland, anualmente, em pleno inverno, para marcar o final da temporada do ano novo. Os *highlanders* trouxeram os clãs que eram identificados pelo tipo de Tartan, tecido utilizado na confecção dos característicos kilts, e os chefes de cada clã viviam em seus próprios castelos, motivo pelos quais o país possui um número tão grande destes. Estima-se que no passado haviam cerca de três mil castelos em um espaço territorial menor do que noventa e cinco mil quilômetros quadrados. Estes são aspectos que atraem o turista que busca por, sobretudo, destinos turísticos culturais e naturais (MORAES,2017).

Além de todos estes aspectos, a Escócia, de acordo com o site Nossa Santa Catarina ou NSC (2009), é um país com uma forte tradição intelectual e literária, representada por grandes nomes, tais como o poeta Robert Burns, considerado como o poeta nacional da Escócia cujos poemas como o *Auld Lang Syne* e o *Scots Wha Haeos* são apreciados até hoje não só pelos escoceses, mas também no mundo todo. Outro grande nome é o do romancista Robert Louis Stevenson que criou celebres obras como “A Ilha do Tesouro” e “O Médico e o Monstro”, assim como também o romancista Walter Scott, autor do romance histórico *Waverley* e as aventuras fictícias de *Ivanhoe*. O país foi sempre repleto de escritores e editoras. Devido a isso, dizia-se que o país era construído sobre livros. Porém sua relação não se restringe apenas a poemas e romances, pois Edimburgo abrigou célebres figuras do pensamento filosófico como o David Hume e o Adam Smith, além da Encyclopaedia Britannica ter sido fundada e impressa nesta mesma cidade. A relação do país com a literatura era tamanha que em 2004, foi atribuída à cidade de Edimburgo o primeiro título de “Cidade da Literatura” do mundo, pela UNESCO (BBC BRASIL, 2004; SOUZA, 2018).

Segundo o portal de turismo da Escócia, VisitScotland, muitas pessoas têm visitado o país porque ele tem sido inspiração para muitas obras literárias, ou filmes também apreciados pelos viajantes. De acordo com Andrew Moffatt, um executivo deste mesmo portal, o turismo literário no país começou há centenas de anos atrás, pois dois dos maiores poetas britânicos, Wordsworth e Keats, se deslocaram até onde jazia o escritor Robert Burns com o intuito de prestar homenagens em seu jazido. Além disso, ainda se tem os registros de quando a Rainha Vitória, entre os anos de 1819 e 1901, anotou em seu diário um relato sobre haver passado no

⁵ Up Helly Aa. Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Up_Helly_Aa>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

vilarejo de Aberfoyle, celebrado na obra *Rob Roy* de Walter Scott, referenciando o autor e sua obra em seus registros.

Na capital do país, Edimburgo, é possível encontrar vários monumentos e registros de homenagens aos autores e suas obras. Um importante exemplo é o do Writers Museum (ver Figura 4), localizado em um prédio histórico, de quatro andares, em Edimburgo, onde estão exibidos detalhes sobre a vida e obra de três grandes escritores da Escócia, no caso os três autores citados anteriormente, Robert Burns, Walter Scott e Robert Louis Stevenson. A exposição do museu é dividida por partes: no térreo encontram-se aspectos da obra e da vida do autor Robert Louis Stevenson, onde sua história é contada através de alguns de seus objetos pessoais, pinturas e fotos, além de suas obras literárias. Desta mesma forma são exibidas as vidas e feitos de Burns e Walter Scott, em suas respectivas partes são mostrados estes mesmos aspectos. No andar principal, exibem-se estátuas esculpidas em mármore branco de todos eles e ainda possui uma ala onde é dedicado a se contar uma pequena história possuindo até bonecos de cera (ver Figura 5), com a intenção de trazer mais verdade e deixar mais real aquilo que se esta sendo contado. O local conta ainda com uma pequena área localizada em frente a entrada principal (ver Figura 6) do museu dedicada a exibir citações de vários escritores, escritores estes participantes de um projeto que visa comemorar e exibir os trabalhos destes, desde o século XIV até os dias de hoje (BARTOLAMEI, 2013).

Este exemplo é capaz de ilustrar como se caracteriza um lugar literário, um lugar o qual seu valor foi atribuído devido a elementos literários. Neste caso, o seu valor literário está ligado aos escritores, pois não é um local que foi representado em um texto literário, e sim, feito para homenagear os celebres autores escoceses e suas obras.

Figura 4: *Writers Museum* - Exterior

Fonte: TripAdvisor- enviado por: Dennis P⁷

Figura 5: *Writers Museum* - Boneco de Cera

Fonte: TripAdvisor- enviado por: Pablo⁶

Figura 6: *Writers Museum* - Citações

Fonte: TripAdvisor- enviado por: Scotlandforever1970⁸

Outros exemplos de lugares literários e que podem ser citados são as duas (das diversas) estatuas dedicadas ao escritor Robert Burns: uma delas está localizada no Scottish National Portrait Gallery e a outra no Porto de Leith. Além destas estatuas e de vários outros monumentos espalhados pelo país, o autor ainda ganhou seu reconhecimento no dia 25 de janeiro, data de

⁶ Pablo. Writers 'Museum (Edimburgo) - ATUALIZADO 2020 O que saber antes de ir - Sobre o que as pessoas estão falando. Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-d187654.html#photos>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

⁷ P, Dennis. Writers 'Museum (Edimburgo) - ATUALIZADO 2020 O que saber antes de ir - Sobre o que as pessoas estão falando. Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g186525-d187654-Reviews-Writers_Museum-Edinburgh_Scotland.html#photos>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

⁸ Scotlandforever1970. Writers 'Museum (Edimburgo) - ATUALIZADO 2020 O que saber antes de ir - Sobre o que as pessoas estão falando. Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-d187654.html#photos>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

aniversário dele, quando se celebram o Burns Night. Segundo, Souza (2018), com a finalidade de comemorar tanto a vida do poeta quanto a contribuição de Burns para a cultura escocesa, é realizado um evento noturno. Trata-se de uma ceia com refeição principal e sobremesa, e após a refeição dá-se início o recital, onde os poemas e canções do autor são recitados e homenageados. O *Burns Night* chega ao fim quando todos agradecem, ficam de pé, cruzam os braços e juntam as mãos para cantar *Auld Lang Syne*, obra mais famosa do poeta.

A partir de agosto de 1983, ano de inauguração, também é celebrado o Festival Internacional do Livro, que acontece na Charlotte Square, centro de Edimburgo, geralmente frequentado por grandes nomes da literatura, tal como J. K. Rowling, Ian Rankin e Irvine Welsh. No ano de 1997, deixou de ser um evento bienal para se tornar um evento anual. O festival, segundo o blog Destino Escócia (2011), recebe cerca de 800 escritores e intelectuais do mundo inteiro, sendo esta apenas uma das características que tornam este o maior celebrado no mundo, dentre o seu gênero.

Durante aproximadamente duas semanas, que seria a duração do festival, ocorrem aproximadamente 750 eventos com atividades que vão de palestras, debates, workshops e apresentações de música e dança, tendo outras opções para todos os gostos e idades. O festival ainda conta com um ambiente informal e acolhedor, além de uma livraria impressionante, exibindo os livros mais famosos e conhecidos no mundo, como também aqueles que não são fáceis de se encontrar em qualquer lugar.

Este é apenas um dos diversos festivais que ocorrem na capital do país, considerado o maior relacionado a literatura, mas não o único, tendo também, por exemplo, o Wigtown Book Festival que, segundo a Revista Bula (2017), acontece no município de *Dumfries and Galloway*, também relacionado com literatura, música, teatro, comida e arte. Neste, tanto os autores quanto o público participante têm a oportunidade de exporem e conversarem sobre as obras e suas experiências literárias, tudo isso rodeado pela beleza histórica e natural do litoral que este município oferece. Mas, como mencionado anteriormente, para as pessoas que gostam de eventos culturais (e não são muito adeptas à literatura), há muitos outros festivais interessantes e populares no país, tais como: o Festival Internacional de Edimburgo, o *Fringe* e o Festival Internacional de Filme, todos relacionados aos diversos tipos de expressões artísticas.

Estes festivais são considerados como um tipo de “lugar literário”, vinculado ao autor e, algumas vezes, às suas obras; muito embora sejam temporários, com datas determinadas de início e fim. O que os caracterizam como “lugares literários” é justamente o fato de proporcionar o contato entre autores e leitores de suas obras, dando a oportunidade da relação entre ambos se tornar algo mais próximo e concreto, muito embora, seja um evento e não um

lugar (um espaço físico) pré-estabelecido. A relação entre o autor, o espaço do evento, o evento em si e o leitor, tornam estes festivais um tipo de “lugar literário”, mesmo que com data de início e fim; diferente do museu citado anteriormente e de lugares como o Café *The Elephant House*, que trataremos a seguir.

Além dos museus e os festivais, ainda pode-se identificar os roteiros criados para explorar as histórias dos autores e o mundo (criado e descrito) de suas obras. Como exemplo, destaca-se o The Edinburgh Literary Pub Tour, que segundo o portal escocês VisitScotland, foi a primeira tour literária, lançada em 1996, que se realiza com dois atores atuando como guias de turismo, apresentando aos visitantes os lugares relacionados às narrativas dramáticas de importantes autores, passando por pátios e bares da Cidade Velha e Nova de Edimburgo. Esses lugares fazem, portanto, parte de um trajeto dos lugares literários de Edimburgo. Não se consegue encontrar muitas coisas específicas sobre esse tour, como quais autores eles homenageiam ou quais lugares eles visitam especificamente, mas fica claro que, apenas com sua premissa, é um tipo de atrativo literário que une elementos significativos da literatura, leitores, autores escoceses, além de suas histórias de vida e conteúdos relacionados aos seus mais famosos textos literários.

Um segundo tour, de cunho literário, que também consideramos importante citar, é o Rebus Tours, que leva o público para o mundo do detetive John Rebus, criado por Ian Rankin. Este tour explora lugares que estão presentes nas obras de Rankin e que também existem na vida real, também localizados em Edimburgo. Sua efetivação se faz a pé, por locais que inspiraram o autor a criar o mundo de John Rebus e alguns outros personagens. Assim como citado no exemplo de The Edinburgh Literary Pub Tour, neste segundo tour também não é possível encontrar informações específicas sobre os roteiros realizados e os lugares visitados, devido o fato de que, provavelmente, faça parte da experiência a surpresa em relação aos locais. Porém, em ambos os exemplos, podemos verificar a intenção de conectar o leitor com o mundo ficcional das obras escocesas, juntamente com informações sobre seus respectivos autores (com os quais desenvolveram algum vínculo pessoal), possibilitando, portanto, um reconhecimento desses exemplos tal como atrativos de um turismo literário.

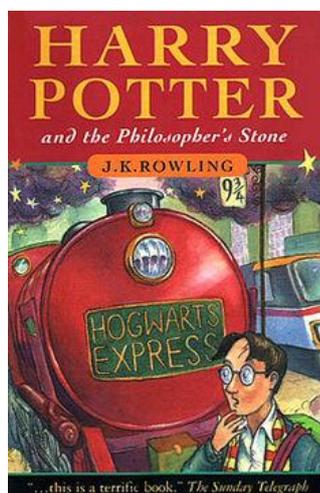
3.2 A Obra “Harry Potter e a Pedra Filosofal” e sua Influência na Ressignificação dos Lugares na Escócia

A primeira obra identificada como relevante e analisada na pesquisa, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, é parte de uma série de sete livros, do personagem Harry Potter, criada pela

escritora britânica J. K. Rowling, e que se destaca na atualidade por ter sido adaptada para o cinema americano. Nascida em Yate (Inglaterra), a autora escreveu a série de livros passando por questões pessoais delicadas, tais como: divórcio, problemas financeiros e a criação de sua primeira filha, ainda bebê. Nesse período, J. K. Rowling morava em Edimburgo (Escócia), e começou a escrever o primeiro livro da saga, intitulado “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, com todos os conflitos pessoais identificados. A série de livros fez muito sucesso e se destacou na indústria literária por alcançar um público muito diverso, desde crianças, jovens e adultos, o que incentivou a grande indústria do cinema a adaptar a obra em 8 filmes de grande sucesso de bilheteria (MIRAMONTES, 2019)

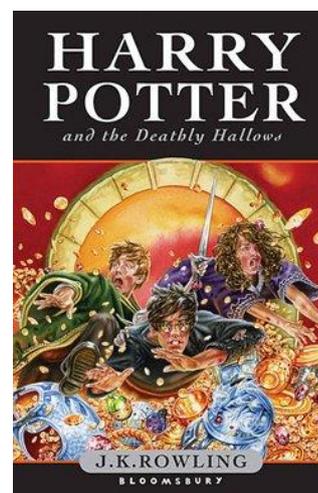
A saga toda, composta por sete livros do gênero fantasia, narra a história e diversas aventuras de um jovem chamado Harry James Potter, que aos onze anos de idade descobre ser um bruxo. No dia de seu aniversário, é convidado a estudar na *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*. A história trata de temas como amizade, lealdade, bravura, disputas entre o bem e o mal, e ainda conta com um vilão, o maior de todos dentro da história, denominado Lord Voldemort. O primeiro livro (ver Figura 7) foi finalizado em 1997 e o último (ver Figura 8) em 2007, ambos escritos e finalizados na cidade de Edimburgo, na Escócia.

Figura 7: Harry Potter e a Pedra Filosofal



Fonte: Potterish⁹

Figura 8: Harry Potter e as Relíquias da Morte



Fonte: Potterish¹⁰

⁹ Harry Potter e a Pedra Filosofal. Potterish. Disponível em: <<https://conteudo.potterish.com/harry-potter-e-a-pedra-filosofal/>>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

¹⁰ Harry Potter e as Relíquias da Morte. Potterish. Disponível em: <<https://conteudo.potterish.com/harry-potter-e-as-reliquias-da-morte/>>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

Essa ligação da escritora com a Escócia possibilitou com que os fãs também se interessassem e conectassem com o país. Os leitores percebem, ao ler a saga de Harry Potter, referências dos locais reais que cercavam a autora enquanto ela criava o mundo fantasioso de seus livros. Para muitos destes leitores-turistas – que se tornaram turistas-leitores (SIMÕES, 2002) –, viajar para a Escócia é como viajar, também, para o mundo de fantasia que a J. K. Rowling criou.

Um exemplo destes lugares, que serviram de inspiração para a história da autora, é a escola *George Hariot's* (ver Figura 10). Localizada ao lado do cemitério *Greyfriars*, a escola é uma das mais tradicionais de Edimburgo, embora a autora nunca tenha oficialmente dito que tenha sido uma inspiração para o mundo fantasioso de Harry Potter, há semelhanças que convencem seus leitores disso, tais como: as torres de arquitetura medieval, ou seja, seu aspecto físico lembra muito o que seria a *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*; e o método de incentivo relacionado ao progresso dos alunos da escola, que funciona exatamente como o de Hogwarts. Trata-se de turmas de cores diferentes, que acumulam pontos, igual as “casas” das turmas narradas pela história de J. K. Rowling: Grifinória, Corvinal, Lufa-Lufa e Sonserina., como podemos observar no trecho a seguir:

[...] A seleção é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui sua casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua casa, dormirão no dormitório da casa e passarão o tempo livre na sala comunal. As quatro casas chamam-se Grifinória, Lufa-lufa, Cornival e Sonserina. Cada casa tem sua história honrosa e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários. Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior número de pontos receberá a taça da casa, uma grande honra (ROWLING, 1997, p. 67).

Embora a autora não tenha assumido oficialmente a influência, os fãs consideram a escola uma inspiração para J. K. Rowling, pela semelhança com a famosa escola de mágicas da ficção. Grande parte disto deve-se pela localização da escola estar em um trajeto que a autora percorria em seu cotidiano durante a escrita do primeiro volume da série. A autora já declarou, em entrevistas, que o cemitério ao lado da escola serviu como fonte de inspiração para os nomes dos personagens, portanto, entende-se que a escola também está no contexto de referências da autora. A partir deste exemplo, podemos inferir que a escola é um dos diversos lugares ressignificado pela literatura, aqui especificada pela ficção de Harry Potter, ligada aos personagens da série. Os leitores associam-na com as aventuras dos personagens, trazendo para a vida real, apesar da autora nunca ter confirmado ou desmentido o fato da escola ter sido ou não uma inspiração (MIRAMONTES, 2019).

Como mencionado anteriormente, ao lado da escola há um cemitério, o *Greyfriars*, e foi lá que a J. K. Rowling disse ter se inspirado para a criação dos nomes dos seus personagens, através das lapides que ali encontrara. Essa declaração foi o fator influenciador ao interesse de seus leitores pelo local, que fizeram do cemitério um atrativo turístico literário de Harry Potter. Os turistas-leitores (SIMÕES, 2002) agora passam a explorar este lugar como um “lugar literário”, em busca de uma conexão maior em relação à obra, com a qual desenvolveu uma conexão pessoal (neste caso, especificamente, procura por uma forma de se conectar aos personagens criados por J. K. Rowling). Ao visitar o cemitério, os turistas iniciam uma busca pelas lápides dos túmulos, a fim de encontrar os nomes dos personagens conhecidos pela ficção, tais como: os de Elizabeth Moodie e William McGonagall, nomes que foram a inspiração para a criação dos personagens Mad-Eye Moody e Minerva McGonagall, respectivamente. Porém, o que grande parte destes turistas-leitores buscam de fato encontrar, ao visitar o cemitério, é a lapide de alguém chamado Tom Riddle (ver Figura 09), correspondente ao verdadeiro nome do maior vilão da saga Lord Voldemort. Este foi o único nome que a autora utilizou por completo, provocando uma maior identificação de seus leitores com o mundo real e sua obra (GUIDO, 2018; MIRAMONTES, 2019).

Nestes lugares literários, onde o turista-leitor deixa seu imaginário agir para conectar o mundo fantasioso que J. K. Rowling com o mundo real, pode-se observar a influência que o imaginário exerce nas questões de ressignificação dos espaços (a partir da literatura), tendo em vista que, é através dele, as conexões de ambos os mundos (o mundo real e o fantasioso) são possíveis, e que é a partir destas conexões que se resultam os novos significados dos espaços, aparentemente comuns, mas presentes em muitas cidades onde se materializam o fazer turismo.

Figura 9: Greyfriars Kirkyard - Lápide Tom Riddle



Figura 10: *George Hariot's School*



Fonte: AnaCassianoBlog¹¹

Fonte: StevensonHouse¹²

Ainda analisando os percursos percorridos por de J. K. Rowling na cidade de Edimburgo, pode-se encontrar outro lugar associado à autora, considerado pelos seus fãs como o mais popular, o café The Elephant House (ver Figura 11). Esse café foi um dos lugares que a autora utilizou para escrever o primeiro livro de sua saga do bruxo Harry Potter. Oficialmente, não foi neste café que tudo começou, muito embora seja possível ouvir de seus proprietários a frase “lugar de nascimento de Harry Potter”, como uma forma de publicidade. O livro de fato foi finalizado nele, porém seu “nascimento”, as primeiras palavras escritas, foram no café *Spoon*, originalmente conhecido como *Nicolson's Café*, onde as primeiras páginas de Harry Potter e a Pedra Filosofal foram escritas em guardanapos. Apesar de muitos dos fãs da obra acreditarem que seria este o café que deveria carregar o título de “lugar de nascimento de Harry Potter”, o estabelecimento não associa sua imagem a da autora ou com a sua obra, e mesmo sem “oficializarem” essa relação que possuem com a autora, muitos turistas-leitores vão até lá a fim de se conectarem com a magia que envolve a produção literária, se aproximando de um dos lugares significativos para a produção da obra, segundo os relatos da própria autora (GUIDO,2018; MIRAMONTES, 2019).

O Café *The Elephant House*, por outro lado, não só carrega esse reconhecimento em relação à criação dos livros de Harry Potter, como também comercializa cartões postais com a imagem da autora. Uma das imagens dos cartões mostra a autora escrevendo em uma das mesas, ao fundo da vista para o Castelo de Edimburgo e do cemitério *Greyfriars*. O espaço ainda conta com quadros de recortes de jornais e revistas referentes à autora, localizados no salão onde ficam as mesas, além de possuir um espaço disponibilizado para que os fãs da autora e de sua obra deixem mensagens ou apenas assinem seus nomes, como forma de registrar a passagem dos visitantes no local. Esse espaço reservado é o banheiro do estabelecimento (ver Figura 12), que, por sua vez, tem desde as paredes até os recipientes de sabonete e papel rabiscados por fãs. Anteriormente, o café vendia objetos de decoração e *souvenirs* em formato de elefantes, ato que hoje não é mais feito, tornando estes objetos em parte da decoração e não mais dos serviços prestados pelo local. Essa mudança se fez pela ligação do café com a história da J. K. Rowling e de sua obra. O estabelecimento passou a lidar com filas muito grandes de fãs que querem

¹¹ CASSIANO, Ana. Harry Potter em Edimburgo Escócia. Ana Cassiano Blog. Disponível em: <<https://www.anacassiano.com/harry-potter-em-edimburgo-escocia/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020

¹² Edinburgh & Harry Potter Fans. Stevenson House. Disponível em: <<http://www.stevenson-house.com/2017/04/13/edinburgh-for-harry-potter-fans/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

conhecer o local, se sentar onde a autora se sentava, deixar sua marca no banheiro e também consumir um café no lugar em que sua obra favorita teve origem (GUIDO,2018).

Neste exemplo, podemos observar que, ao ressignificar este lugar, parte do significado “original” do local se perdeu, tendo em vista que o nome do café era relacionado aos produtos que eram comercializados (no caso, os souvenirs de elefantes), mas ao adotar para si este novo significado (o de ser o local onde uma obra literária famosa nasceu) resultou no abandono de parte da essência inicial do estabelecimento. Porém, ambos os significados ainda coexistem em paralelo, o *The Elephant House* continua sendo um café para qualquer pessoa que se depare com ele e agora, também, é uma espécie de lugar literário ligado à autora de Harry Potter.

Pelo olhar da atividade turística e dos proprietários do café, essa é uma mudança positiva, pois agora, além de ser um café em Edimburgo, ele se tornou um atrativo turístico literário, o que promoveu para o lugar um aumento dos lucros. Entretanto, é necessário observar que pode não ser muito positivo para o dia-a-dia da população local, tendo em vista que o fluxo turístico na região do café aumentou exponencialmente e afeta negativamente o cotidiano das pessoas que moram ou trabalham próximos a ele. Houve um aumento do barulho pelo número alto de fregueses; as filas podem obstruir a passagem de pedestres; e até o descarte de lixos nas vias públicas pode ter aumentado e gerado desconforto à comunidade. É sempre importante ter um olhar multidirecional, quando se trata do turismo, seja qual for a sua forma. Importante ter atenção às consequências sociais, ambientais e culturais, para além das meras consequências econômicas.

É inevitável, também, o questionamento a respeito de: - por que um café associa sua imagem a uma autora ou autor, aqui pensando em J. K. Rowling? Qual a importância da ficção criada para esta localidade? Uma das respostas é a de que a própria autora fez a associação de ambos os estabelecimentos à sua imagem e obra. A diferença é que os empresários de um deles, no caso o *The Elephant House*, percebeu nessa associação de imagem a possibilidade de alavancar seus negócios, conseguindo identificar um potencial nesta relação, tendo em vista a popularidade da autora e de sua obra para o público que aumentava significativamente.

Acredita-se que o *The Elephant House* se apropriou primeiro do título de “lugar de nascimento de Harry Potter” e, por isso, o *Spoon* optou por não se intitular igualmente. Ambos estariam certos, pois dependendo do ponto de vista, ambos foram o local onde tudo começou, em um deles, as primeiras palavras foram escritas e, no outro, as últimas. O que provavelmente foi decisivo para a adoção desse título, foi o tempo que a autora passava nos cafés, sendo o *The Elephant House* o mais frequentado pela autora, conseqüentemente, tendo ali escrito maior parte de sua obra e inclusive a conclusão dela. Porém, algo que não se pode negar é que o

estabelecimento se aproveitou consideravelmente desta situação para se promover, e tem dado certo.

Figura 11: *The Elephant House* - Exterior



Fonte: AnaCassianoBlog ¹³

Figura 12: *The Elephant House* - Banheiro



Fonte: GeekyTourist - enviado por: Emma¹⁴

Ainda analisando os lugares relacionados à autora e a suas criações, surge o *Balmoral Hotel*, um dos mais cobiçados de Edimburgo, que foi inaugurado em 1902, com vista para toda a cidade antiga. Foi na cobertura deste hotel que Rowling decidiu escrever o último livro da saga, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Ela ficou trancada por meses até finalizar o livro e, devido a isso, a suíte em que ela ficou hospedada virou uma atração do hotel, pois, além de ser o local onde finalizou a saga, a escrivaninha (ver Figura 13) onde a autora escreveu as últimas páginas do livro ainda se encontrava lá, sem identificar que a autora escreveu com um marcador preto na parede do seu quarto de hotel a seguinte frase: “J. K. Rowling terminou de escrever *Harry Potter e as Relíquias da Morte* nesta sala (552), em 11 de janeiro de 2007” (GUIDO, 2018). Por essa razão, o hotel customizou a porta (ver Figura 14) da suíte com uma coruja e

¹³ CASSIANO, Ana. *Harry Potter em Edimburgo Escócia*. Ana Cassiano Blog. Disponível em: <<https://www.anacassiano.com/harry-potter-em-edimburgo-escocia/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020

¹⁴ EMMA. *The Elephant House | 5 Tips For Visiting the Birthplace of Harry Potter*. Geeky Tourist. Disponível em: <<https://geekytourist.com/2018/01/26/the-elephant-house-5-tips-for-visiting-the-birthplace-of-harry-potter/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

uma placa, identificando o espaço como “o quarto de J. K. Rowling”. O valor simbólico adotado no quarto passou a ser ainda maior para os leitores da obra, pois, além de ser o local de descanso de diversos personagens queridos e marcantes da história (que levou dez anos até chegar a sua conclusão), possui estes aspectos materiais relacionados, tanto à autora como à saga em livros.

Além dos fãs, segundo Miramontes (2019), que procuram o local para se hospedar enquanto visitam a capital da Escócia, a suíte é muito procurada por noivas que buscam o espaço para se prepararem para o casamento, assim como para lua de mel. Todas as suítes especiais do hotel, incluindo a que J. K. Rowling se hospedou, tem um preço elevado de aproximadamente R\$ 7.500 reais, por noite, mas se o objetivo é apenas conhecer o hotel onde a autora se hospedou e terminou o último livro da saga, ainda há uma opção de reservar um chá da tarde no restaurante *Palm Court*, localizado no interior do hotel.

Figura 13: Balmoral Hotel - Porta da Suíte



Fonte: SayGeronimo - enviado por: Emjaybyron¹⁵

Figura 14: Balmoral Hotel - Escrivadinha



Fonte: TravelingMom - enviado por: Cathy¹⁶

Com o intuito de finalizar a análise dos lugares relacionados a autora J. K. Rowling e a saga de Harry Potter, há ainda dois lugares de relevância que consideramos relevante também

¹⁵ Emjaybyron. Scotland: A Historic Night and Pretty Castles. Say Geronimo. Disponível em: <<https://saygeronimoo.wordpress.com/2014/10/15/scotland-a-historic-night-and-pretty-castles/>>. Acesso em: 9 Nov. 2020.

¹⁶ KOPF, Cahty. Harry Potter in Edinburgh | Luxury Hotel for Families | TravelingMom. Traveling Mom. Disponível em: <<https://www.travelingmom.com/hotel-reviews/harry-potter-edinburgh-balmour-hotel/>>. Acesso em: 9 Nov. 2020.

serem apresentados. O primeiro deles é a inspiração para o famoso Beco Diagonal, a Victoria Street (Figura 15), que está localizada na Old Town de Edimburgo. Trata-se de uma rua na diagonal, subindo uma colina, a qual acredita-se que fazia parte de um caminho costumeiro que a autora percorria. Além de sua posição na diagonal, algo bem sugestivo no seu nome fictício, antigas casas do local, com arquitetura medieval, viraram cafés, livrarias e lojas dedicadas à bruxaria. Algumas delas, também inspiradas na própria saga de Harry Potter. Da mesma forma, pode-se encontrar também a comercialização de produtos relacionados à série de livros, como varinhas e uniformes escolares, semelhantes aos das casas da escola de magia (MIRAMONTES, 2019). No trecho a seguir, retirado do primeiro livro da autora, é possível identificar a narração da primeira vez em que Harry é apresentado ao Beco Diagonal:

“[...] Um segundo depois se viram diante de um arco bastante grande até para Hagrid, um arco que abria para uma rua de pedras irregulares, serpeava e desaparecia de vista.
 - Bem-vindo - disse Hagrid - ao Beco Diagonal. Ele riu do espanto de Harry.
 Atravessaram o arco. Harry deu uma espiada rápida por cima do ombro e viu o arco encolher instantaneamente e virar uma parede sólida.
 O sol refulgia numa pilha de caldeirões á porta da loja mais próxima.
Caldeirões - Todos os Tamanhos - Cobre, Latão, Estanho, Prata - Automexediço - Dobravel, dizia um letreiro acima. [...] Harry desejou ter oito olhos. Virava a cabeça para todo o lado enquanto caminhavam pela rua, tentando ver tudo ao mesmo tempo: as lojas, as coisas às portas, as pessoas fazendo compras. Uma mulher gorducha do lado de fora de uma farmácia abanou a cabeça quando passaram por ela e disse:
 - Fígado de dragão, dezessete sicles trinta gramas, eles endoidaram...”
 (ROWLING, 1997, p. 45).

Para sustentar ainda mais a ideia de que a Victoria Street (ver Figura 15) é a inspiração para o Beco Diagonal, há uma loja de brinquedos e brincadeiras, localizada ao final dela, assim como a Gemialidades Weasley presente na ficção dos livros (GUIDO, 2018). Caminhar pela Victoria Street é como caminhar, realmente, pelo Beco Diagonal descrito na obra. É inevitável notar que neste caso, a resignificação do espaço (através da obra literária) molda de alguma forma a realidade, tendo em vista que, por mais que tenha sido uma inspiração para o Beco Diagonal criado, depois do grande sucesso de sua obra e da associação da imagem da Victoria Street com a da autora e seus livros, outras lojas foram abertas e começaram a comercializar artefactos relacionados ao personagem Harry Potter; inclusive inspiradas nas lojas existentes no Beco Diagonal. A resignificação desse espaço gerou um fluxo turístico maior na região e à medida que as lojas foram também se inspirando na ficção, um aumento nesse fluxo ocorreu e a comparação foi se tornando mais evidente.

Figura 15: *Victoria Street*

Figura 16: Trem a Vapor - The Jacobite



Fonte: TripAdvisor - Enviado por: Jesús S¹⁷



Fonte: Itinari - enviado por: miroslav_1¹⁸

O segundo lugar não fica em Edimburgo igual aos demais exemplos, porém, segundo Guido (2018) é tão significativo quanto. Localizado na cidade de Fort William, encontra-se o trem a vapor Jacobite (Figura 16), inspiração para o famoso Expresso de Hogwarts, talvez o mais próximo do mundo mágico de Hogwarts que os leitores podem ficar. Esteticamente esse transporte é semelhante ao descrito nos livros, como encontrado no trecho do primeiro livro da saga, onde o trem é detalhado da seguinte forma:

“[...] Uma locomotiva vermelha à vapor estava parada à plataforma apinhada de gente. Um letreiro no alto informava *Expresso de Hogwarts 11 horas*. Harry olhou para trás e viu um arco de ferro forjado no lugar onde estivera o coletor de bilhetes, com os dizeres *Plataforma nove e meia*. Conseguiu.”(ROWLING, 1997, p. 56).

A bordo do trem, pode-se experimentar um “Chocolate Quente de Cerveja Amanteigada” ou um “Beijo de Dementador”, bebidas criadas e inspiradas no mundo de Harry Potter. O trem ainda oferece uma imersão maior na obra, não se limitando apenas às bebidas inspiradas, pois possibilitam a compra de um ticket vip que dá o direito de uma viagem num vagão inspirado na série, permitindo uma imersão (mesmo que superficial) no mundo imaginado pela autora. Este exemplo seria mais um semelhante ao da *Victoria Street*, tendo em vista que serviu de inspiração para o “Expresso de Hogwarts”, mas que, ao mesmo tempo, se

¹⁷ S, Jesús. Victoria St - Picture of City Explorers Free Tour, Edinburgh - Tripadvisor. www.tripadvisor.com. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g186525-d10629888-i330752050-City_Explorers_Free_Tour-Edinburgh_Scotland.html>. Acesso em: 9 Nov. 2020.

¹⁸ MIROSLAV_1. Visitar Glenfinnan Viaduct. Itinari. Disponível em: <<https://www.itinari.com/pt/location/glenfinnan-viaduct>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

ressignificou a partir da obra. Inclusive, incorporou algumas características da ficção que não existiam em sua realidade (GUIDO, 2018).

Todos os exemplos de lugares citados, até aqui pela pesquisa, estão relacionados de alguma forma à autora J. K. Rowling ou então a sua criação baseada em Harry Potter e o mundo da magia; ilustrando na prática o conceito de Stiebel (2019) a respeito do turismo literário. Para o autor, visitar os lugares onde os escritores passaram o seu tempo é uma das formas de se praticar o turismo literário (STIEBEL, 2019). Na maioria dos exemplos citados, acredita-se que a autora passou bastante tempo em contato com os locais aqui analisados durante no seu dia-a-dia, assim como frequentou outros, principalmente os cafés Spoon e The Elephant House, além do Hotel Balmoral.

As teorias apresentadas por Stiebel (2019) ainda nos revelam que os lugares sobre os quais os autores escrevem também fazem parte desta modalidade, os quais aqui citamos como exemplo a Victoria Street, o trem a vapor Jacobite e a escola George Harriot's. No caso dos lugares imaginados por J. K. Rowling, por se tratarem de obras ficcionais, estes são identificados como locais que inspiraram a criação de outros lugares (fictícios). Lugares onde a autora escreveu sobre, porém, que são vistos como os lugares na vida real do mundo de Harry Potter, pelos seus leitores e fãs. Essa relação promove uma ligação entre a escritora, os lugares imaginados por ela, as próprias obras de Harry Potter e os turistas-leitores. Referenciando Stiebel (2019), entende-se que nesse processo de relações, entre o real e o imaginado, ocorre uma sobreposição das versões ficcionais às paisagens reais visitadas, a partir dos sujeitos turistas-leitores.

Ao relacionar a realidade com a ficção, atribui-se um novo significado ao espaço físico, já pré-existente na vida real. É assim que a literatura atua na ressignificação de espaços, atribuindo um novo sentido a um lugar que já tinha um significado. Ambos os sentidos coexistem. Um não anula o outro. Tal como ocorre no caso do café *The Elephant House*: antes de ser o local de nascimento de Harry Potter era um simples café, como qualquer outro, e, atualmente, continua sendo um local para se tomar café e experimentar comidas típicas escocesas. Porém, agora ele também é um local ao qual fãs de Harry Potter, e de sua autora, se dirigem para homenageá-los e se sentirem um pouco mais conectados com a magia da literatura que tanto estimam.

3.3 A Magia de “Outlander” e suas Influências na Ressignificação de Espaços na Escócia

A segunda obra relevante para esta análise é a série de livros *Outlander*, da autora Diana Gabaldon¹⁹. A autora é norte americana, nascida no estado do Arizona, possui bacharel de Ciência da Zoologia, um mestrado em Ciência da Biologia Marinha e um doutorado em Ecologia Comportamental. A ideia de escrever um romance se deu a partir do desejo de Diana em praticar a escrita e a criação artística. O projeto, portanto, surge com o intuito de aprender e aprimorar habilidades da escrita criativa. De início, a autora não tinha nenhuma pretensão de divulgar os resultados. Apesar de não possuir um conhecimento prévio e aprofundado de história, foi exatamente o gênero de romance histórico que ela acabou optando por escrever, pois acreditava que, por ser professora e pesquisadora, seria mais fácil de escrever e pesquisar a respeito.

O primeiro livro da série foi intitulado de *Outlander: A Viajante do Tempo*²⁰, e a inspiração para o enredo desta obra surgiu a partir de um episódio da série de televisão do gênero ficção, chamada “Doctor Who”. Neste episódio, um dos companheiros do Doutor (personagem principal) era um jovem escocês da época de 1745, chamado Jamie McCrimmon, o qual se pode notar uma semelhança com o personagem masculino principal da obra de Gabaldon, James Fraser. O período temporal da série também é semelhante ao que se passaria a trama de sua obra, o cenário escocês da metade do século XVIII. Desta forma, pode-se perceber inicialmente que, diferente da autora J. K. Rowling, Diana Gabaldon não possui uma ligação física com o local de inspiração. Ela não escreveu seu livro pelos diversos locais de Edimburgo ou caminhou pelas ruas da capital, enquanto abstraía do seu entorno inspiração para os locais em que se passaria sua trama literária.

O romance de Diana mistura diversos elementos, desde ficção até aventura, ficção científica ou fantasia e história escocesa. A história do primeiro livro, *Outlander: A Viajante do Tempo*, se passa no final da Segunda Guerra Mundial, onde a personagem principal, a enfermeira Claire Randall, volta da guerra e parte em uma viagem com o marido para Inverness, na Escócia. Durante a viagem algo inexplicável acontece e de repente ela se vê no ano de 1743, numa Escócia violenta e dominada por clãs guerreiros. Neste novo espaço-tempo, Claire enfrenta intrigas e perigos que podem ameaçar a sua vida e dificultar a sua busca pelo caminho de volta para o seu espaço-tempo. A história dos demais livros, que contam com mais oito volumes (sendo que o oitavo livro ainda não tem tradução para o português e o nono ainda não

¹⁹ DIANA GABALDON.Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diana_Gabaldon>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

²⁰ DIANA GABALDON.Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diana_Gabaldon>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

tem data de lançamento definido pela autora), se desenrola ao redor da temática da volta no tempo, e com cenários que alternam entre a Escócia e outros países como a França e os Estados Unidos.

Figura 17: Capas da Série Literária Outlander - Volumes 1 ao 8



Fonte: Lallybroch²¹

Diana Gabaldon, para embasar o seu enredo ficcional, se utiliza da história escocesa e seus acontecimentos. Estes fatos históricos, tornam-se elementos de propulsão da imaginação do turista-leitor, os quais incentivam-no a procurar os locais reais (onde se deram os acontecimentos narrados), quando em viagem. A autora, assim, conseguiu colocar em destaque a história escocesa, com detalhes reais, em um contexto imaginado a partir de sua vida particular. Entretanto, observa-se que a história contada na obra difere em vários aspectos da vida real, inclusive na questão da viagem no tempo. Tanto a história da Escócia como os lugares de cunho históricos passam a ter um significado diferente. Talvez não se afaste muito do seu significado histórico real, mas ainda assim passa a ter um simbolismo diferente, por se tratar de

²¹ Série de Livros. Lallybroch. Disponível em: <<http://www.lallybroch.net/p/serie-de-livros.html>>. Acesso em: 9 Nov. 2020.

uma história diferente e imaginada; com personagens que nem se quer existiram na vida real; ou até existiram, mas não necessariamente são iguais aos da ficção.

Um exemplo dessa situação seria o campo de batalha de *Culloden* (ver Figura 18), uma batalha que de fato aconteceu e que também é retratada pela autora no seu romance.

Muitos dos seus leitores são atraídos para este lugar histórico, com a finalidade de conhecer (na vida real) o local onde muitos personagens da ficção faleceram durante a narrativa, como pode ser observado no seguinte trecho em destaque:

[...] Os homens das Terras Altas, todos os clãs aliados de Charles, serão destruídos. Centenas e centenas morrerão em Culloden; os que sobraem serão perseguidos e assassinados. Os clãs serão massacrados... e não se levantarão mais. Nem em sua época, nem na minha (GABALDON, 1997, p. 412).

A fala em destaque é da personagem principal, Claire, a respeito do que acontecerá com o povo escocês na batalha analisada, tendo em vista que ela é do futuro e sabe do final da guerra citada.

Os turistas-leitores também procuram o local por ter sido onde Jamie e Claire, personagens da trama, deram seu sofrido adeus. Assim, para os turistas-leitores é uma ótima oportunidade de não só se conectar mais com os acontecimentos do livro, com os personagens que tanto gostam, como também de se conectar com a inspiração da obra, que tanto os cativaram. É possível também conhecer melhor a história do país e se conectar com ela, mesmo que não seja o objetivo principal da visita.

No campo de Batalha de *Culloden*²², nos dias atuais, onde diversos clãs (incluindo os clãs Frasers e Mackenzies, na vida real, lutaram na acensão jacobita ao lado do Bonnie Prince Charles em 1745), é possível ver bandeiras vermelhas e azuis por sua extensão, que representavam o exército inglês e escocês respectivamente. Estas bandeiras sinalizam o posicionamento das tropas no campo de batalha durante a luta. Para atender aos turistas, o local também conta com um centro de visitantes, chamado *Culloden Battlefield Visitor Center*, que explica tudo a respeito do antes, durante e depois da Batalha de *Culloden*. Por ser um grande acontecimento, presente com detalhes na obra de Gabaldon, tornou-se um dos lugares mais procurados para visitação por seus fãs, tendo em vista que, mesmo a obra de Diana não sendo tão fiel aos verdadeiros acontecimentos da batalha real e muito menos aos protagonistas dela, seus leitores podem, exatamente, se conectar com a história e a obra. Os turistas-leitores, assim, buscam visitar o campo de batalha a procura do significado que a autora atrelou aos personagens

²² BIROLINI, Claudia. Museu e Campo de Batalha de Culloden, Inverness. Dona Arquiteta. Disponível em: <<https://donaarquiteta.com.br/museu-e-campo-de-batalha-de-culloden-inverness/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

e a própria história narrada nos livros de *Outlander*, além de entrar em contato com o seu valor histórico real, mesmo não sendo seu objetivo principal.

Entende-se que a busca por este lugar, o campo de batalha de *Culloden*, se faz como forma de se sentir parte da história contida no livro de Diana Gabaldon, numa tentativa de experienciar aquilo que já se pôde experienciar através da leitura dos livros. A narrativa construída pela autora detalha que ao longo do campo, há várias pedras espalhadas com o nome dos clãs que caíram durante a batalha (ver Figura 19), uma forma de homenagear todos estes homens que deram sua vida para defender o país. O principal atrativo deste antigo campo de batalha, identificado por alguns comentários dos blogs visitados para a pesquisa, é a pedra que homenageia o Clã Fraser e o Clã Mackenzie, os quais são descritos com detalhes, pois o personagem principal e grande parte dos demais personagens do primeiro livro fazem parte destes.

Apesar dos demais enredos, presentes na trama, um dos fatos principais do livro (e que merece destaque) é a narrativa que culmina na batalha e no momento em que Claire e Jamie (personagens) se separam. Esta batalha, portanto, é um marco no romance de Gabaldon. No trecho a seguir pode-se observar a menção ao campo de batalha e as pedras dos memoriais:

[...] Príncipe Charles. Haverá uma rebelião. Dougal tem razão sobre isso, mas não será vitoriosa. O exército de Charles Edward vai se sair bem por algum tempo, mas tudo terminará num grande massacre. Em Culloden, é lá que vai terminar. Os... os clãs... - Mentalmente, via as lápides dos clãs, as pedras cinzas que ficariam espalhadas pelo campo, cada uma ostentando apenas o nome do clã dos homens massacrados que jaziam sob ela (GABALDON, 1997. p. 412).

É possível identificar, portanto, uma resignificação deste espaço, através da literatura, que agrega a ele um valor literário para além do histórico (já existente no local). Este é claramente um exemplo de como a obra literária de Gabaldon se inspirou fortemente na história escocesa, a ponto de criar um outro significado, mesmo que extremamente semelhante ao original. Esta resignificação, gera então uma procura a este lugar e promove um fluxo turístico diferente do original.

Importante lembrar que, de acordo com Henriques e Quinteiro (2011, p. 606), o que caracteriza a modalidade do turismo literário é toda a atividade turística relacionada aos textos literários e seus autores, sejam reais ou fictícios e principalmente de que literatura seja a motivação do deslocamento. Neste caso, mesmo que semelhantes, o turista-leitor busca ver o que foi descrito nos textos de Diana Gabaldon, e não o contexto histórico já consolidado no imaginário da população local e na história do país.

Figura 18: Campo de Batalha de Culloden

Fonte: Kingsmills Hotel²³

Figura 19: Campo de Batalha de Culloden - Memorial Clã Fraser

Fonte: TripAdvisor - enviado por: Darling070²⁴

Outro local que possui uma relevância no romance *Outlander* e que aqui analisamos como um movimento de ressignificação dos espaços é o *Fort William*. O local corresponde à segunda maior Vila das Terras Altas (Highlands), muito embora no texto literário este seja tratado como um forte de fato, uma espécie de prisão, como pode-se observar no seguinte trecho narrado por Jamie, o personagem principal:

[...] Foi em Fort William. Passei um ou dois dias em que mal podia me mexer, depois de ter sido chicoteado pela segunda vez e, depois, tive febre por causa dos ferimentos. Quando pude ficar de pé outra vez, alguns... amigos tentaram me tirar do forte por meios que prefiro não comentar (GABALDON, 1997, p. 101).

Mesmo que na vida real o local não carregue o nome da vila, existe sim uma antiga fortaleza, o *Blackness Castle*²⁵ (ver Figura 20), um castelo do século XV que corresponde a uma antiga fortaleza de artilharia, com formato semelhante ao de um navio, e, por isso, é conhecido pelos escoceses como o “navio que nunca navegou”.

²³ Kingsmills Hotel. Culloden Battlefield Inverness Scotland. Kingsmills Hotel. Disponível em: <<https://www.kingsmillshotel.com/hotel/things-to-do-in-inverness/scottish-history/culloden-battlefield/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

²⁴ Darling070. Me being an Outlander fan and posing with clan Fraser - Culloden Battlefield, Culloden Moor Resmi - Tripadvisor. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.tr/LocationPhotoDirectLink-g4600483-d191384-i151701405-Culloden_Battlefield-Culloden_Moor_Scottish_Highlands_Scotland.html>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

²⁵ Terramundi. Descubra a Cultura Escocesa dos Clãs de Outlander. Disponível em: <<https://www.terramundi.com.br/blog/escocia-de-outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

Nos romances de Gabaldon, o *Fort William* é correspondente ao *Blackness Castle* da vida real, e se caracteriza pelos eventos marcantes que o personagem principal, Jamie, vivência na história. Neste local, Jamie é açoitado por Jack Randall, o vilão da história, o que torna o lugar num momento marcante da história. Neste mesmo cenário, surgem as cicatrizes nas costas do personagem principal que irá identificá-lo em todo o contexto narrativo da obra.

No trecho em destaque anteriormente pode-se observar Jamie contando um pouco a respeito da experiência daquele período. Além, deste acontecimento, o *Fort William* volta a ser um cenário presente quando Jamie necessita salvar a personagem Claire, que havia sido sequestrada por Jack Randall. No trecho a seguir, pode-se ver uma descrição da situação vivida pelo personagem Jamie, depois de ter salvo a personagem principal do vilão:

[...] Quando a resgatei das garras de Randall em Fort William — disse ele de repente — você estava tentando voltar. Voltar ao círculo de pedras. E... Frank. Foi por isso que abandonou o bosque. (GABALDON, 1997, p. 407).

É devido ao seu destaque, no enredo do romance, que fãs da obra são atraídos a viajar até a vila de Fort William, afinal foi a partir dela que se originou o nome do forte na obra de Gabaldon, e conseqüentemente à ex-fortaleza *Blackness Castle*, por ser a fortaleza da região, sendo associada a ela a imagem da fortaleza da ficção. Muitos dos locais relacionados a *Outlander* possuem esse vínculo forte com a realidade, tendo em vista que a autora se utilizou de locais reais e do contexto histórico para dar vida à sua narrativa.

Semelhante ao exemplo de Fort William, também destacamos a “Cidade de Inverness”, que é a maior cidade do norte do país e, por isso, é considerada como a “capital das Terras Altas” (Highlands). Para o turista-leitor, visitar Inverness²⁶ é como andar por onde Claire (a personagem da obra) andou, ver, de certa forma, o que a personagem viu; não importando o período de tempo, pois foi nesta cidade que, na obra de Diana, tudo começou. Foi na cidade de Inverness que Frank e Claire decidiram viajar para sua “segunda” lua de mel, como pode-se observar no trecho em destaque:

[...] Combinamos que eu deveria encontrá-lo pela manhã para uma excursão aos arbustos locais. Frank pretendia passar o dia em Inverness para consultar uns registros na prefeitura de lá e eu fiquei satisfeita de ter uma desculpa para não acompanhá-lo.” (GABALDON, 1997, p. 17).

²⁶ Terramundi. Descubra a Cultura Escocesa dos Clãs de Outlander. Disponível em: <<https://www.terramundi.com.br/blog/escocia-de-outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

Estar em Inverness é, para o turista-leitor, conhecer a cidade real que já visitou enquanto ainda era um leitor-turista (SIMÕES, 2002). Caminhar pela cidade é como caminhar por onde Claire e Jamie passaram tantas outras vezes, pois além de ser o local onde tudo começou, é para a cidade de Inverness que a personagem principal tenta voltar para achar o círculo de pedras que a fez viajar no tempo.

Também é nesta região que se encontra o Craigh na Dun, círculo de pedras (fictício) pelo qual a personagem principal viaja 200 anos no passado. No trecho em destaque, a personagem faz referência ao lugar um pouco após a viagem no tempo, quando pretendia voltar para Frank, seu marido, no seu tempo:

[...] Preciso voltar ao monumento de pedras em Craigh na Dun. Senti uma agitação crescente que me deixou um pouco zozna e estendi o braço para a taça de vinho para me acalmar.” (GABALDON, 1997, p. 116).

Embora este círculo de pedras não exista na vida real, acredita-se que a inspiração para ele veio de um lugar chamado Clava Cairns²⁷ (ver Figura 21), um círculo de pedras datado de mais de quatro mil anos atrás. O círculo se encontra também próximo ao campo de batalha de *Culloden*, anteriormente citado.

Figura 20: *Blackness Castle* - O Fort William



Figura 21: Clava Cairns - O Craigh na Dun



²⁷ BEATRIZ, Claudia. A Escócia de Outlander. Aprendiz de Viajante. Disponível em: <<https://www.aprendizdeviajante.com/a-escocia-de-outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

Fonte: Reddit - Enviado por: Spinach_Souffle²⁸

Fonte: Zambetandoporai - Enviado por: Eliza Vieira²⁹

Para ampliar um pouco mais a análise dos lugares literários relacionados à obra de Diana Gabaldon, faz-se necessário tratar ainda de outros dois locais, sendo o primeiro deles o Lago Ness³⁰ (Loch Ness), localizado próximo à cidade de Inverness, que já é conhecido por conta do monstro do Lago Ness, carinhosamente apelidado pelos escoceses de Nessie (como mencionado anteriormente). Este monstro é avistado pela personagem principal do romance e chamado por ela de “Cavalo Aquático”, em um momento enquanto ela está no passado, como é descrito no seguinte trecho:

[...] Arrancava preguiçosamente as penas de sementes aladas de um galho baixo e atirava-as no lago quando notei as ondulações da água contra as pedras se intensificarem, como se empurradas por um vento que se aproximava. Uma cabeça grande e chata emergiu na superfície a menos de três metros de distância. Pude ver a água escorrendo borbulhante das escamas inclinadas que recobriam uma crista ao longo do pescoço sinuoso. A água estava agitada desde uma distância considerável e pude vislumbrar aqui e ali o movimento maciço e escuro sob a superfície do lago, embora a cabeça em si se mantivesse relativamente imóvel. Eu mesma fiquei absolutamente imóvel. Estranhamente, não tive medo. Senti uma leve afinidade com a criatura de outra época, mais fora de seu próprio tempo do que eu [...] (GABALDON, 1997, p. 261).

Entretanto, a relação do mundo de *Outlander* com o Lago Ness da vida real não se limita a essa aparição, é no lago que Claire e seu marido Frank fazem um cruzeiro, passeio no qual, segundo o blog Aprendiz de Viajante (2020), diversas empresas de turismo (da vida real) realizam atividades. Este passeio é muito procurado pelos fãs da obra, no intuito de realizar o cruzeiro feito pelos personagens e de ver aquilo que a protagonista supostamente viu. Grande parte da visita a Inverness, e tudo o que há próximo a ela, se resume na vontade dos fãs em experienciar, de certa forma, o que a personagem principal também experienciou na história, o que leva os turistas a buscar se sentir mais conectado com a obra, e da mesma forma, conseguindo ver na realidade o que imaginou enquanto lia.

Outro local, que também vale a pena ser mencionado, é o *Great Glen Way*³¹, uma trilha que pode ser percorrida a pé ou a cavalo, que conecta as cidades de Fort William e Inverness.

²⁸ Spinach_Souffle. Blackness Castle, Scotland. Reddit. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/castles/comments/dmleoe/blackness_castle_scotland/>. Acesso em: 12 Nov. 2020.

²⁹ VIEIRA, Eliza. Clava Cairns: inspiração para Craigh na Dun de Outlander. Zambetando Por Aí. Disponível em: <<https://zambetandoporai.com.br/2019/07/21/clava-cairns-craigh-na-dun-outlander/>>. Acesso em: 9 Nov. 2020

³⁰ BEATRIZ, Claudia. A Escócia de Outlander. Aprendiz de Viajante. Disponível em: <<https://www.aprendizdeviajante.com/a-escocia-de-outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

³¹ Disponível em: <<https://www.visitscotland.com/see-do/attractions/tv-film/outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

Essa trilha é percorrida por Claire, na narrativa histórica, nos dois tempos. A primeira vez foi no “presente”, com seu então marido Frank, como menciona no seguinte trecho:

[...] No entanto, quando o amanhã chegou, tínhamos outras coisas para fazer. Eu me esquecera de que havíamos planejado uma viagem de um dia ao Great Glen, o extenso vale do lado Ness (GABALDON, 1997, p. 35).

A segunda vez foi no “passado”, após seu casamento com Jamie. A paisagem que o caminho de uma cidade à outra oferece, é agradável e romântico, porém não são apenas os casais que o percorrem. Está incluso em alguns roteiros voltados para a série de livros de *Outlander*.

Todos os exemplos de ressignificação dos espaços, aqui citados, diferem dos exemplos relacionados a J. K. Rowling e sua obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Neste caso analisado (a obra *Outlander*), pela autora não ter uma ligação física com o país, não há locais como o Café The Elephant House, o qual o fã poderia buscar para visitar e conhecer parte da história da produção dos livros, ou até mesmo se conectar com a autora durante sua jornada de escrita e criação do mundo de *Outlander* que tanto apreciam. No caso do romance de Gabaldon, o turista-leitor (SIMÕES, 2002) tem apenas como opção os locais que são falados nos livros, descritos nele ou até mesmo locais que inspiraram outros da ficção dos livros. Embora a obra de Diana Gabaldon não possa ser considerada histórica, por não ser de fato fiel a história e por tratar principalmente da viagem no tempo, precisa ser acrescentado o termo “ficção” antes do “histórico”. Sua obra não chega a ser tão fantasiosa quanto a obra de J. K. Rowling, o que permite uma concretude maior do cenário fictício com o real. Porém, ambos os casos demonstram que: quando os passeios imaginados não são mais satisfatórios para o turista dentro do leitor, ele necessita se deslocar para conhecer o real, a inspiração da ficção para se satisfazer, ele precisa ir além das páginas e do texto, conhecer fisicamente o que já conhece em sua mente (SIMÕES, 2002).

A busca dos fãs de *Outlander*, tanto à obra literária como à série de televisão, é tamanha que o próprio portal da Organização Nacional de Turismo da Escócia possui, em sua página inicial, um espaço dedicado para as diversas atrações relacionadas à obra. Tamanha é a procura por eles, que empresas de turismo oferecem diversos roteiros turísticos pelos locais presente nos livros ou sets de locações em que a série foi filmada. O turista-leitor que busca por tais atrativos, não esta se locomovendo até eles pela sua carga histórica, o que o leva até lá é o fato do personagem principal ter sido torturado lá, como no caso do *Blackness Caslte* ou *Fort*

William, por exemplo. O turista-leitor busca, assim, o que lhe foi apresentado no texto literário, procurando na vida real, e é, por isso, que ele está viajando para aqueles locais.

Assim, a resignificação acontece quando o turista procura pelo memorial do clã relacionado ao seu personagem preferido, no campo de batalha de *Culloden*, e não procurando o mesmo espaço pela sua carga histórica para o país. É inegável dizer que, devido a procura por esses lugares literários, de fato existem também um subinteresse de conhecer os dois lados do contexto, ou seja, tanto a Batalha de *Culloden* narrada por Diana Gabaldon, como também a real que aconteceu naqueles solos. A diferença está apenas no significado, no “valor” que o turista ou leitor-turista constrói neste caso. O resignificar desses espaços é dado, inicialmente, pela autora (Diana Gabaldon), que o reconstruiu à sua maneira, em seus livros e, em um segundo momento, pelos leitores, que transformou um campo de batalha histórico em um local a ser visitado futuramente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas das obras *Outlander: a viagem do tempo* e *Harry Potter e a pedra filosofal*, em relação ao espaço físico dos lugares citados pelas autoras em suas narrativas, pode-se afirmar que a literatura não permanece apenas nas páginas de papel de um livro. Ela perpassa para o mundo real e vivido. Pode-se inclusive afirmar que a literatura não só interage com acontecimentos e espaços reais, mas também os influenciam e transformam seus significados. Assim, a literatura se mostra capaz de ressignificar um espaço, de lhe atribuir um novo sentido, sendo independente de seu significado “original”.

De acordo com o marco teórico utilizado para desenvolver a discussão deste trabalho é possível confirmar que a literatura, aliada ao imaginário e, essencialmente, ao turismo, pode ressignificar um determinado espaço. Não importa a característica ou o tipo “original” deste espaço. Os lugares literários são recortes de espaço aos quais a literatura dá um novo significado, independente do seu significado anterior (QUINTEIRO, 2019; QUINTEIRO & BALEIRO, 2014; COUTINHO; FARIA & FARIA, 2016).

Vale ainda destacar que um significado não anula o outro, pois, como vimos nos exemplos pontuados pela pesquisa (obras *Harry Potter* e *Outlander*), os lugares continuam sendo utilizados e vistos pelos seus significados “originais”, mesmo que os novos significados tenham contribuído para uma outra percepção, tornando-os mais populares ao ponto de atrair um maior número de pessoas para sua visitação. As análises do último item desta pesquisa, por exemplo, revelam que um campo de batalha histórico, pode também ser o local de despedidas e encontros amorosos entre determinados personagens de uma obra. Porém, continua sendo um campo de batalha, local onde os personagens da obra lutaram e vivenciaram seus conflitos, conforme as narrativas das obras.

Por mais semelhantes que os significados relacionados a um único local possam ser, ainda serão novos significados. Serão retratados a partir de uma ressignificação e, nos casos aqui discutidos, uma ressignificação literária, pois foi a partir da literatura que surgiram estes novos valores atribuídos aos espaços listados pela pesquisa. Foi a partir desta ressignificação literária que determinados locais conseguiram atrair mais visitantes.

Ao observarmos, do ponto de vista do turismo, foi graças a relação da literatura com o mundo e os espaços reais, que foi possível atribuir um novo valor turístico a um mesmo local. Este fato pode ser observado na análise realizada do cemitério *Greyfriars Kirkyard*, por exemplo, que além de ser um local de “descanso” daqueles que já partiram do nosso mundo, também é o local que a autora J. K. Rowling frequentou para se inspirar e criar os nomes de

alguns dos seus personagens principais. Este valor atribuído pela imagem da autora e sua obra, resultou em um outro número e tipo de visitantes. Não se trata das pessoas que vão até lá para prestar suas condolências aos mortos, mas sim daquelas que vão até lá para conhecerem, verem e se conectarem (de alguma forma) à obra de J. K. Rowling. Visitantes estes que, de acordo com Simões (2002), são agora considerados turista-leitores.

Portanto, o turismo literário, que se caracteriza exatamente por ter essa relação citada anteriormente (e pela motivação do turista em se locomover com o objetivo de visitar lugares literários), resulta em uma alternativa (com grande potencial) para o desenvolvimento turístico de alguns destinos, como por exemplo, o recorte espacial utilizado para esta análise – Edimburgo/Escócia –, que associou sua imagem com o título a ela dado, ou melhor, o de “Cidade da Literatura”. O turismo literário proporciona, assim, uma opção de divulgação do local e sua cultura, além de renovar a imagem de alguns destinos que foram se desgastando com o passar do tempo. Isto serve não apenas para o destino como um todo (cidade ou país), mas também para seus atrativos turísticos individuais, os quais acabam deixando de atrair o número de turistas que atraía no início das ressignificações.

No entanto, faz-se necessário uma maior atenção com o fenômeno de ressignificação de espaços, através da literatura, pois muitas vezes o fenômeno é provocado apenas com o intuito de fomentar ou criar uma atividade turística com fins mercadológicos. Como mencionado na discussão teórica da pesquisa, não se trata apenas de um espaço físico e de gerar lucros com sua ressignificação e turistificação. Faz-se necessário ter em mente que: para promover uma atividade turística ou um atrativo turístico, a fim de torná-lo duradouro, deve-se ater às questões sociais (participação e conscientização dos moradores e visitantes), ambientais (preservação e cuidado dos espaços naturais) e culturais (respeito e preservação das manifestações artísticas e culturais da população local), em escala local, regional e nacional.

Portanto, não se pode apenas considerar os pontos positivos do fenômeno pesquisado (ressignificação dos espaços), tais como: a geração de renda para investimento na comunidade e suas necessidades, ou até mesmo os empregos que possam dela resultar. É necessário, também, levar em consideração os pontos negativos e seus impactos, pois caso a atividade prejudique o meio ambiente, o bem-estar da população ou a cultura local, além de estar sendo mais prejudicial do que benéfico, não terá longevidade e, dessa forma, as contribuições positivas tornam-se insignificantes ou até inexistentes.

Apesar da literatura não ser a única influenciadora e motivadora dos turistas – para o fazer turismo –, consideramos ser uma das mais significativas formas de se promover o turismo cultural (e suas ramificações). Ela é considerada como uma forte influência para o imaginário

do turista que desenvolve esta modalidade, como identificado anteriormente, e possui um grande potencial para a ressignificação dos espaços. Assim, merece ser pesquisada pelo meio acadêmico, possibilitando outras investigações que contribuam para uma ampliação dos debates.

Espera-se, portanto, que através da pesquisa aqui realizada, tenha-se contribuído para a visibilidade e uma maior compreensão do turismo associado à literatura – o Turismo Literário –, e seus efeitos na ressignificação dos espaços; temática esta ainda pouco explorada academicamente, e que merece novos olhares, incentivando (ainda mais) novos estudos que contribuam para o desenvolvimento da mesma no território brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARTOLAMEI, Bruna. **Edimburgo: Writers Museum**. Contando as Horas. Disponível em: <<http://contandoashoras.com/2013/01/29/writers-museum-edimburgo/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

BBC BRASIL. **Edimburgo Será 1a “Cidade da Literatura”**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/cultura/story/2004/10/041014_edimburgomla>. 2004. Acesso em: 12 Jun. 2020.

BELCHIOR, Camilo de Lelis. **Reciclando os sentidos**. 1. Edição. Contagem, MG. Edição do Autor, 2014.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro. 2006, p. 27-51.

CASTRO, J. F. **Convite a viajar em tempos de mobilidade espacial restrita**. 2020.

CASTRO, J. F. **Uma literatura das viagens contemporâneas: a questão do testemunho nas narrativas de viagem**. Belo Horizonte. 2013.

CHIARELI, Jéssica. **10 festivais literários que todo amante de livros precisa conhecer**. Revista Bula. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/9127-10-festivais-literarios-que-todo-amante-de-livros-precisa-conhecer/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

COUTINHO, F. N.; FARIA, D. M. C. P.; FARIA, S.D. **Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário**. albuquerque - revista de história. v. 8. n. 16. jul-dez. 2016, p. 31-50.

DESTINO ESCÓCIA. **Agosto: Festival Internacional do Livro de Edimburgo**. Disponível em: <<https://www.destinoescocia.com/festivais/agosto-festival-internacional-do-livro-de-edimburgo/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FEIJÓ, E. J. T. **Historiar e comparar literatura como meio e análise de comunidades**. Espaços literaturizados como exemplo e proposta. Porto Alegre. 2014.

GABALDON, Diana. **Outlander: A Viajante do Tempo**. Tradução Geni Hirata. Volume 1, versão on-line, 2014.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários**. SP. 2005.

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Cap 1 - Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Rio de Janeiro. 1989, p. 13-41.

GUIDO, Carol. **Atenção potterheads! Aqui vai o melhor guia da Escócia de Harry Potter**. Hostelworld Blog. Disponível em: <<https://www.brazilian.hostelworld.com/blog/guia-escocia-harry-potter/>>. Acesso em: 11 Jun. 2020.

HAESBAERT, R. **Dos Múltiplos Territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre. 2004.

HENRIQUES, C.; QUINTEIRO, S. **O turismo literário**. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio. 2011.

MARQUES, José Roberto. Resignificar: liberte-se de coisas pesadas e negativas. Instituto Brasileiro de Coaching. Disponível em: <<https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching-e-psicologia/ressignificar-liberte-se-de-coisas-pesadas-e-negativas/>>. Acesso em: 9 Nov. 2020.

MENESES, J. N. C. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEYER, G., MARQUES, F. C., BARBOSA, G. T. O. **Entidades performáticas e desestabilização: o desenvolvimento local para além do mainstream**. Mato Grosso do Sul. 2016, p. 33 - 45.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3ª edição. Brasília. 2010, p. 1-100.

MIRAMONTES, Andrea. **Edimburgo, na Escócia, é destino que todo fã de Harry Potter deve conhecer**. Gol. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/nossa/viagem/noticias/2019/10/11/edimburgo-na-escocia-e-destino-que-todo-fa-de-harry-potter-deve-conhecer.htm>>.

MORAES, Priscilla. **15 motivos para visitar a Escócia**. VisitBritain. Disponível em: <<https://www.visitbritain.com/br/pt-br/15-motivos-para-visitar-escocia>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

NSC TOTAL. Edimburgo, uma cidade voltada para a literatura. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/edimburgo-uma-cidade-voltada-para-a-literatura>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

OLIVEIRA, S. A. A. **Um Porto de encontro entre Turismo e Literatura**. Porto, Portugal. 2017.

PEOLPES, Alasdair. **The Scottish History That Inspired Outlander** | VisitScotland. VisitScotland. Disponível em: <<https://www.visitscotland.com/blog/films/history-inspiring-outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

PORTO, Fernando. **Conheça Edimburgo seguindo os passos dos grandes escritores**. Roteiros Incríveis. Disponível em: <<https://roteirosincriveis.com.br/especiais/europa-especiais/conheca-edimburgo-seguindo-os-passos-dos-grandes-escritores/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

QUINTEIRO, S. **Os lugares da literatura: mapas e rotas literárias**. Cultur - ano 13, n. 2. 2019, p. 4-13.

QUINTEIRO, S.; BALEIRO, R. **Uma personagem à procura da literatura**. 2014.

RIBEIRO, Débora. **Ressignificar**. Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ressignificar/>>. Acesso em: 05 Mai. 2020.

RIBEIRO, Débora. **Significado**. Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/significado/>>. Acesso em: 05 Mai. 2020.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Tradução Lia Wyler. Volume 1, versão on-line, 2013.

SALEME, Roseliane, **Walter Scott - Biografia do Escritor**. InfoEscola. disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/walter-scott/>>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.22, n. 44, dez. 2002, p. 389-310

SILVA, Amanda. **As peculiaridades da Escócia**. Portal A TARDE. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/turismo/noticias/1901695-as-peculiaridades-da-escocia>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

SIMÕES, M. L. N. **De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado**. 2002

SOUZA, Elizabeth de. **Robert Burns - Poeta Escocês**. Entrementes - Revista Digital de Cultura. Disponível em: <<https://entrementes.com.br/2018/12/robert-burns-poeta-escoces/>>. Acesso em: 11 Nov. 2020.

STIEBEL, L. **Caminhando e Conversando: itinerários literários e Turismo Literário**. 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. Tradução Lenita Maria Rimoli Esteves. Volume único, versão on-line, 2001.

VIEIRA, D. M. **Percursos Negros em Porto Alegre: ressignificação de espaços, reconstruindo geografias**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Espírito Santo. 2014.

VISITSCOTLAND. **Outlander - Filming Locations in Scotland Map**. Disponível em: <<https://www.visitscotland.com/see-do/attractions/tv-film/outlander/>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

VISITSCOTLAND. **The Edinburgh Literary Pub Tour**. Disponível em: <<https://www.visitscotland.com/info/tours/the-edinburgh-literary-pub-tour-81a89e20>>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

WIKIPEDIA. **Festival de Edimburgo**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Edimburgo>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

WIKIPEDIA. **Harry Potter**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter>. Acesso em: 12 Jun. 2020.

APÊNDICE A: QUADRO SÍNTESE DA PESQUISA

Quadro 1: Síntese da pesquisa sobre a resignificação dos espaços pelo turismo e a literatura

OBRA LITERÁRIA	AUTORA	ESPAÇO ANALISADO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS A PARTIR DA LITERATURA
Harry Potter e a Pedra Filosofal Publicado em 1997	J. K. Rowling	Cemitério Greyfriars Kirkyard	Cemitério da cidade de Edimburgo. Próximo ao café The Elephant House.	Passou a ser conhecido como lugar onde a autora retirou os nomes para seus personagens. Local onde se “encontra” a lapide do Lord Voldemort.
		Escola George Heriot's	Tradicional escola de Edimburgo. Próximo ao cemitério Greyfriars Kirkyard.	Inspiração para a caracterização física da escola de magia de Hogwarts. Inspiração para a metodologia de ensino (casas e sistema de pontos) da escola de Hogwarts.
		Café The Elephant House	Cafeteria que comercializava <i>souvenirs</i> de elefantes.	Local onde a autora passava grande parte do seu tempo para escrever e desenvolver a obra.
		Café Spoon	Cafeteria	Local onde a autora de fato escreveu as primeiras ideias de sua obra. O “verdadeiro” local de nascimento de Harry Potter.
		Hotel Balmoral	Um dos hotéis mais cobiçados da cidade de Edimburgo.	Local onde o último livro (e consequentemente toda a saga) foi escrito e finalizado. O quarto 552 foi dedicado à autora.

OBRA LITERÁRIA	AUTORA	ESPAÇO ANALISADO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS A PARTIR DA LITERATURA
		Estação King's Cross e Plataforma 9 ^{3/4}	Estação de trem na cidade de Londres com a Plataforma fictícia.	Local onde se encontra a plataforma que daria acesso ao expresso de Hogwarts.
		Trem Jacobite	Trem a vapor localizado em Fort William.	Trem o qual é utilizado por todos os estudantes de Hogwarts para chegar até a escola.
Outlander: A viagem do Tempo Publicado em 1991	Diana Gabaldon	Campo de batalha de Culloden	Sítio histórico onde ocorreu a batalha de Culloden.	Local de despedida dos personagens principais da obra. Local onde morreram muitos personagens. Memorial dos clãs do personagem principal.
		Blackness Castle	Antiga fortaleza em forma de navio. Localizada em Fort William (segunda maior cidade das Terras Altas)	Inspiração para a fortaleza de Fort William na obra. Local onde os personagens passam por momentos marcantes e dolorosos.
		Cidade de Inverness	Maior cidade das Terras Altas. Próximo ao campo de batalha de Culloden.	Cidade onde a personagem principal e seu marido (no futuro) visitam. Local onde a personagem principal realiza a viagem no tempo.
		Clava Cairns	Monumento de pedras (Círculo de pedras). Localizado próximo a Inverness e ao campo de batalha de Culloden	Inspiração para o círculo de pedras da obra pelo qual a personagem principal viaja no tempo.

OBRA LITERÁRIA	AUTORA	ESPAÇO ANALISADO	CARACTERÍSTICAS GERAIS	RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS A PARTIR DA LITERATURA
		Lago Ness	Famoso lago escocês, próximo a Inverness. Local de “moradia” do Mostro do Lago Ness.	Local em que a personagem principal e seu marido realizam passeios (no futuro). Local onde a personagem avista o “Cavalo Aquático” (no passado).
		Trilha Great Glen Way	Trilha que conecta as cidades de Inverness e Fort William. Pode ser percorrida a pé ou a cavalo.	Trilha percorrida pela personagem principal com seu marido no futuro. E percorrida com o outro personagem principal (seu outro marido) no passado, logo após o casamento.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

APÊNDICE B: MAPA LITERÁRIO DA OBRA “OUTLANDER: A VIAJANTE DO TEMPO”

Fonte: Vexels³²

³² Disponível em: <<https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/148948/mapa-do-pais-da-escocia>>. Acesso em: 17 Nov. 2020.

APENDICE C: MAPA LITERÁRIO DA OBRA “HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL”



Fonte: Vexels³³

³³ Disponível em: <<https://br.vexels.com/png-svg/previsualizar/148948/mapa-do-pais-da-escocia>>. Acesso em: 17 Nov. 2020.

